

6 AS DENOMINAÇÕES PARA OS PESCADORES E OS APETRECHOS DE PESCA DA COMUNIDADE DE BAIACU¹

A língua é como uma rede de pesca estendida acima de um lago. A rede não toca a superfície do lago, e, portanto, não recorta a água, apenas projeta sua sombra sobre ela. Igualmente, a língua projeta sobre o mundo uma sombra, que chamamos de visão de mundo, que pode ser muito diferente. (BENVENISTE)

A bipolaridade do signo linguístico é fundamental para a ciência da linguagem. Não por acaso, os estruturalistas, europeus, sobretudo, consagram-na como possível explicação de questões que englobam aspectos específicos e gerais da língua. Nos estudos de Baldinger (1970), por exemplo, o autor representa o signo não como união entre uma coisa e um nome, mas sim, enquanto interdependência entre um conceito², objeto mental, e uma imagem acústica, e comprova que essa idéia é expressa desde a Idade Média pelos escolásticos que fizeram uso da expressão “Vox significat mediantibus conceptibus”, a fim de assinalar a utilidade do signo para a apreensão do conceito (BALDINGER, 1970, p. 27).

Neste capítulo, abordam-se as denominações utilizadas na pesca da localidade de Baiacu, a partir dos conceitos que elas representam. Investiga-se a estrutura linguística com base na teoria de Baldinger (1970), para a interpretação dos campos onomasiológicos de *Pescadores* e de *Apetrechos*. Assim, por exemplo, para a denominação *moço*, analisada no campo onomasiológico **PESCADOR**, a idéia que se apresenta, geralmente, evoca apenas a categoria. Diz-se: “conheci o *moço* que trabalha na rede de Moreno”, já se sabe quem é, e o que se expressa na realidade é ‘pescador’. Entretanto, para o interlocutor apenas a categoria é evocada. Nesse sentido, *moço* é um signo linguístico para quem partilha daquela mesma experiência, mas não, para uma outra pessoa em cuja comunidade não se associe a essa lexia uma determinada representação que corresponda, precisamente, ao significado ‘pescador’. Observa-se, do mesmo modo, que a relação entre o significante e a realidade nem sempre é uma relação direta, se assim fosse, não seria possível designar a mesma coisa em línguas

¹ A transcrição do *corpus* segue as Resoluções tomadas no VI WORKALiB, 2008. Cabe ressaltar que somente se representou a pronúncia, quando os sinais ortográficos apresentaram essa possibilidade. No que se refere à prática da transcrição grafemática e, de acordo com os comentários da Professora Doutora Jacyra Mota, a quem se registra um agradecimento especial pelas correções iniciais, um dos problemas mais comuns é o de que, quase sempre, essa transcrição oferece uma representação incompleta.

² Neste trabalho, faz-se uso do termo “conceito” para toda representação simbólica, de natureza verbal, que tem uma significação geral conveniente a toda uma série de objetos concretos que possuem propriedades comuns.

diferentes com imagens acústicas distintas. Caso contrário haveria apenas uma língua (BALDINGER, 1970). Convém observar, nesse sentido, que só o que fala e conhece nada mais que seu próprio idioma tende a identificar palavra e coisa. De acordo com Baldinger (1970),

El lenguaje refleja la problemática y la relatividad de la transformación de realidades en clasificaciones conceptuales. La aplicación de una palabra (que corresponde a cierto objeto mental) a una unidad-límite es una de las razones más importantes de la evolución semántica (BALDINGER, 1970, p.48; 50)³.

Para o autor, não se pode limitar o conceito à realidade. O conceito é apreensível somente com a ajuda de um significante e os sistemas designativos servem para realizar os conceitos. Logo, é muito difícil compreender o significado das denominações relacionadas aos conceitos de **PESCADOR** e dos **APETRECHOS DE PESCA** que as pessoas da comunidade de Baiacu representam para quem não os realizam ou os vivenciam.

No que se segue, apresenta-se um exame das denominações, a partir de dois dos 16 (dezesseis) campos encontrados. Dessas duas macroestruturas formais, foram analisadas 11 (onze) microestruturas, sendo que 9 (nove) microestruturas onomasiológicas correspondem aos **APETRECHOS**, e constam de um total equivalente a 93 (noventa e três) unidades lexicais, e 2 (duas) microestruturas pertencem à categoria de **PESCADOR**. Essa última se constitui de um total de 35 (trinta e cinco) lexias. Nas microestruturas em que se encontram os verbetes/e ou termos, os contextos revelam os fatores sociais, psicológicos e referenciais.

Dessa forma, 11 (onze) categorias centrais e 128 (cento e vinte e oito) itens lexicais são submetidos à análise de um *corpus* sincrônico proveniente de inquiridos com pessoas que trabalham na pesca artesanal da comunidade de Baiacu – Vera Cruz – Bahia. Trata-se de um número talvez insignificante, porém, ter-se-ia necessidade de ampliar as esferas conceituais a ser analisadas, o que exigiria que se excedesse o prazo disponível para a entrega da Dissertação, para que fossem preservados o rigor e o método adotados.

A análise das *denominações* apresentadas não consiste em uma lista ordenada de palavras dispersas alfabeticamente, antes, obedece a uma classificação semântica, isto é, ideológica. As lexias⁴ estão dispostas em cada grupo semântico, no qual se encontra a

³ A linguagem reflete a problemática e a relatividade da transformação de realidades em classificações conceituais. A aplicação de uma palavra (que corresponde a certo objeto mental) a uma unidade-límite é uma das razões mais importantes da evolução semântica (Tradução da autora desta dissertação).

⁴ Neste trabalho, por lexia compreende-se a classificação adotada por Pottier (1978, p. 269), a saber: lexia simples refere-se a uma palavra; lexia composta corresponde às unidades quer compostas ou derivadas; lexias

classificação gramatical, seguida da transcrição grafemática, de acordo com a realização dos informantes, durante as entrevistas. Assinala-se a falta de registro dessas lexias nos dicionários consultados, privilegiando-se a significação documentada no contexto proferido pelos informantes. Os substantivos são citados no masculino e feminino singular. Às vezes, alguns vocábulos aparecem em outros campos, o que demonstra a correspondência com várias acepções que um termo pode possuir (polissemia). Ressalta-se que a categoria de base de maior frequência verificada no vocabulário dos pescadores é o substantivo. As relações são hierárquicas e peculiares. Cada unidade está contida em uma mais ampla, maior. Os vários usos de um item estão organizados à volta de um centro prototípico e por parencas de família com esse centro e entre si.

Conforme assegura Baldinger (1970), é impossível evitar uma parte de subjetividade na classificação. Ainda assim, a análise tenta esclarecer um dos problemas do objeto de estudo, que é o intuito de se conhecer as denominações de um conceito e, especificamente, estabelecer os conceitos designados pela estrutura da pesca artesanal da comunidade de Baiacu.

6.1 O CAMPO ONOMASIOLOGICO DE **PESCADOR**

Àquele que tem como labor diário a pescaria alguns chamam *pescador*, outros *aquela que vai à pesca*, e outros ainda o chamam de *homem do mar*. É a vivência lingüística ou, especificamente, cadeias paralelas como a do conceito e da imagem acústica, que revelam que uma mesma função pode ser expressa por formas diferentes e uma única forma pode representar diferentes funções.

De acordo com Cunha (1999), o termo *pescador* encontra-se documentado a partir do século XIII, e tem sua origem no latim *pīscātor-ōris*. Entretanto, para o mestre pescador J.S.P., 86 anos “*pescadô é lê o ma, é um misteru*”.

Em Baiacu, as *denominações* que se atribuem ao homem trabalhador da pesca referem-se a um conceito estendido, motivado tanto por série, como por uma categoria semanticamente estruturada, a exemplo de *moço abaixador*, *moço pé de banco*, *moço popeiro*, *moço* ou, simplesmente, *pescador*. De fato, encontra-se, aqui, o esclarecimento das relações e

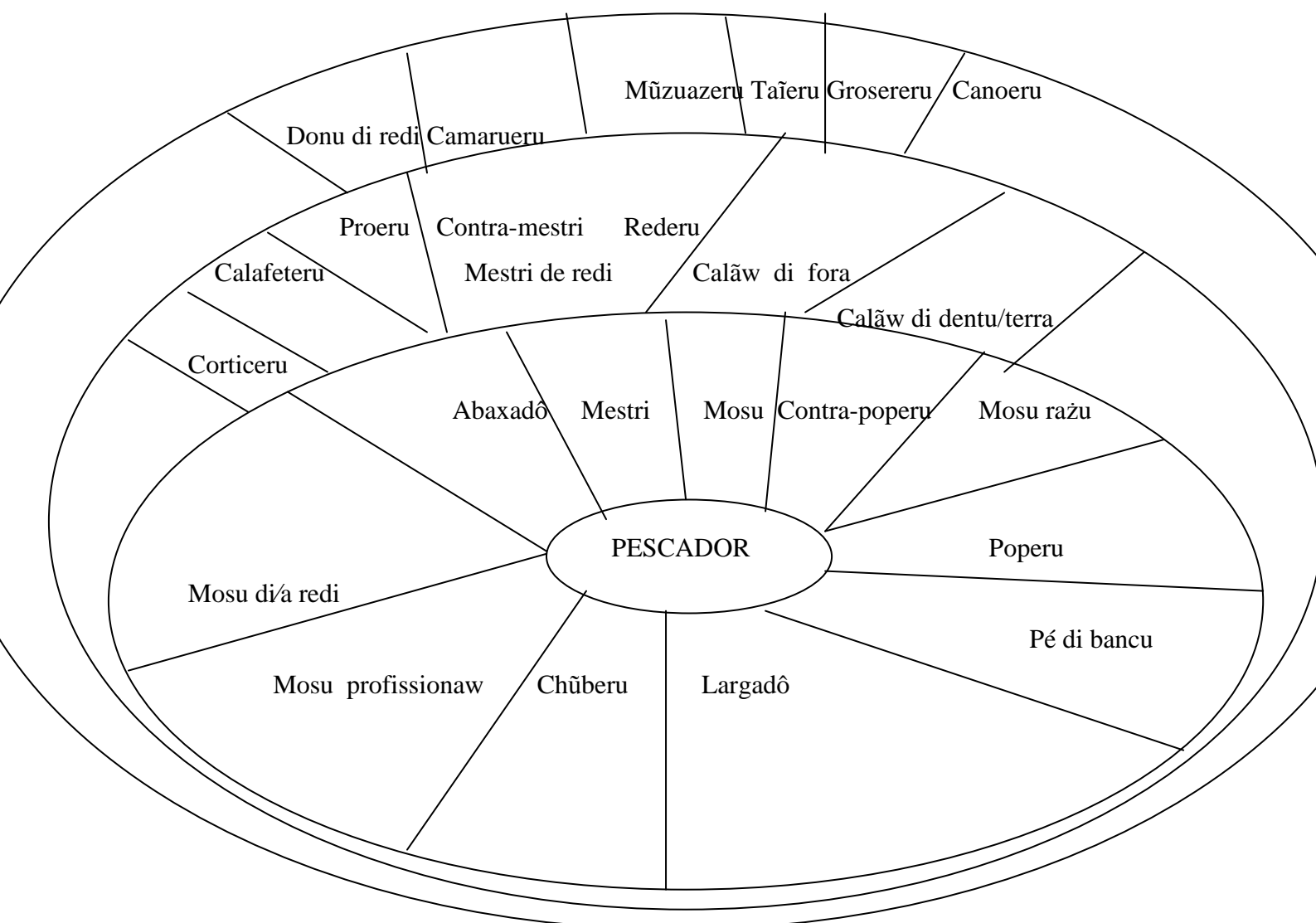
complexas são aquelas cujas unidades não possuem mais resquícios do significado, perdem o conteúdo lexical e adquirem outro, como unidades fraseológicas.

do valor semântico atribuídos a certas unidades lexicais, que se especializam nas denominações para **PESCADOR**, à luz do que foi pesquisado em dicionários etimológicos e gerais, nas abonações dos próprios pescadores e nos estudos léxico-semânticos.

Para descrever tais relações, podem-se distinguir no campo onomasiológico referente à **PESCADOR**, 02 (duas) microestruturas: **PESCADOR** e **PROFISSÃO**. Trata-se de categorias centrais e respondem às questões 46 a 69 do Questionário semântico-lexical (QSL).

6.1.1 Campo onomasiológico e microestruturas de PESCADOR





A microestrutura onomasiológica de **PESCADOR** corresponde às questões 13- Para pescar de que se necessita?'; 46- Quem é que sai para pescar?'; '47- O (a) senhor (a) é ____'; 51- A pescaria é um trabalho para quem?'; '52- Como o pescador planeja a pescaria?'; '53- Quem trabalha na pesca?'; '54- Aquela pessoa que pesca como é que se chama?'; '55- De que é formada a pescaria?'; 57- Como se chama o pescador que sabe manusear os instrumentos de trabalho?'; '60-... o homem que é contratado para trabalhar na pesca?'; '62-... a pessoa que cuida de toda a pesca?'; '64- Como é designada a pessoa que sai para pescar?' Trata-se de lexias simples, compostas e complexas. Foram encontradas dez denominações incluídas nesse campo: *calafateiro*, *camaroeiro*, *canoeiro*, *corticeiro*, *dono de rede*, *grosereiro*, *manzuazeiro*, *redeiro*, *mestre de rede ou proeiro ou contra-mestre*, *moço* e *tainheiro*. *Mestre de rede* ou *proeiro* é o que melhor representa essa microestrutura, é o elemento mais saliente seguido de *moço*. Por outro lado, nessa microestrutura, a denominação *moço* corresponde às questões 1, 2, 7, 12, 13, 17, 18, 45, 63, 71, 75 e 77 e foram encontradas 11 (onze) denominações

diferentes para *moço*: *calão de dentro*, *calão de fora*, *chumbeiro*, *largador*, *moço abaixador*, *moço contra-popeiro*, *moço popeiro*, *moço profissional*, *moço raso*, *moço de rede e pé de banco*.

Moço, freqüentemente, corresponde à pergunta a respeito de quem é a pessoa que sai para pescar. Seguido do termo *Mestre*, é uma das unidades de maior ocorrência utilizada pelos pescadores na comunidade de Baiacu. *Moço* ocupa uma posição que durante muito tempo pertenceu ao *mestre*, o que é uma consideração de ordem diacrônica. Comprova-se, desse modo, que o sentido de *moço* pode estar ligado à significação dada para cada posição de uma série daquelas denominações. A depender da função que cada lexia desempenha, há uma relação hierárquica e motivada por série associativa. Neste campo, nem sempre a cada diferente tipo de unidade lingüística corresponde um nível de unidade estrutural. No que tange à classificação dessa microestrutura, a categoria básica é o substantivo que, às vezes, acompanhado de adjetivo, forma um sintagma nominal. Há uma série de termos derivados.

PESCADOR s.m.

Transc. Graf. **Pescadô** “A *profissãw* é *pescadô* e tamém tem as pessoa que marisca, as muleres, por exemplo, são marisqueiras. Mas que trabalha na pescaria é *mosu*, *mosu* ahenti chama de *mosu* a *profissãw* de *pescadô*. Mas, a caderneta vem é de *pescadô*. Mas, aqui em Baia’ku é *mosu* de *redi*, tem o *mestre* e tem os *mosu* é a maneira de empregá o termo pra falá proeru, mas a finalidade é *pescadô*, o nome apropriado é *pescadô*, que ele pesque a rede, que ele vá de *mosu*, ele diz é *pescadô* porque den’ da pescaria cada um tem sua funsão, né [...].” (O.C., 72 anos)

‘Trabalhador da pesca’.

PESCADOR é o conceito central e ao redor dele encontram-se as demais denominações, todas dependentes do serviço que o trabalhador da pesca desempenha e o lugar que ele ocupa no conjunto do labor pesqueiro, o que demonstra que o *Pescador* pode fazer mais do que lançar a rede ao mar. *Pescador* é uma das lexias de maior ocorrência entre os trabalhadores do mar, seguida de *moço* e *mestre*, mesmo porque a comunidade de Baiacu é tipicamente constituída de pescadores e conhecida como “a única comunidade da Ilha de Itaparica composta de pescadores artesanais”. Mas a idéia que advém do termo *Pescador* perpassa o campo das relações profissionais, abarca um campo maior, o simbólico, porque metaforiza um conceito amplamente estendido da categoria. Essa metaforização expressa não a transposição do nome de uma coisa para outra, como propagavam os clássicos, mas revela ação e pensamento entre dois domínios para representar uma só imagem, uma associação de

idéias representadas na memória singular do indivíduo, essencialmente uma maneira de pensar revestida de uma prática social, mediante expressão de um novo conceito, conforme proposta dos cognitivistas e de adeptos das metáforas conceptual e terminológica. Somente quem vivencia sabe entender o valor do signo presente ali.

MESTRE DE REDE sintagma nominal

Transc. Graf. **Mestri di redi** “ [...] aqui em Baia’ku é mosu de redi, tem o *mestri* e tem os mosu é a maneira de empregá o termo pra falá *proeru*, mas a finalidade é pescadô, o nome apropriado é pescadô, que ele pesque a redi, que ele vá de mosu, ele diz é pescadô porque den’ da pescaria cada um tem sua função, né. [...] tem o *proeru* é aquele que trabalha na proa, é o mestri da redi [...] é o nome criado ali dentu, rapaz, pra distacá um do otro.” (O.C., 72 anos)

‘Pescador mais respeitado entre os demais pescadores e de maior experiência na arte de pescar’.

PROEIRO s.m.

Transc. Graf. **Proeru** “ [...] aqui em Baia’ku é mosu de redi, tem o *mestri* e tem os mosu é a maneira de empregá o termo pra falá *proeru*, mas a finalidade é pescadô, o nome apropriado é pescadô, que ele pesque a redi, que ele vá de mosu, ele diz é pescadô porque den’ da pescaria cada um tem sua função, né. [...] tem o *proeru* é aquele que trabalha na proa, é o mestri da redi [...] é o nome criado ali dentu, rapaz, pra distacá um do otro.” (O.C., 72 anos)

‘Pescador mais respeitado entre os demais pescadores e de maior experiência na arte de pescar’.

Estudos na área semântico-lexical demonstram que, às vezes, um mesmo termo pode estar representado por dois nomes nucleares. Nesse caso, são sinônimos, pois estão reunidos na mesma posição e se realizam na mesma família conceptual. É o que acontece com as unidades lexicais *mestre de rede* e *proeiro*, sua variante, como Baldinger (1970) ressalta, ao utilizar os exemplos *relembrar* e *recordar* a fim de constituir o campo onomasiológico de LEMBRAR⁵.

Em um documentário intitulado “Pesca de mestre”, ganhador do Prêmio Arruanda como melhor documentário do ano 2008, exibido pela TV UFBA e produzido pela doutoranda Gal Meirelles, o termo *mestre de rede*, ou simplesmente *mestre*, ganha uma extensão simbólica. De acordo com Meirelles (2008), “o mestre é simbólico pela forma de comportamento e de como ele agencia a coesão da equipe”.

⁵ Na edição francesa “*se souvenir*”

Oriundo do latim **magister, -tri**, a sua categoria básica é o substantivo. No Dicionário de Terminologia Naval Portuguesa, encontra-se registrado que, anteriormente a 1460, a lexia “*mestre* origina-se do prov. *Maestre*” (PICO, 1964, p. 408).

Não se encontrou registro para o bitemático *mestre de rede*, também não se encontra dicionarizada a variante *proeiro*.

MOÇO s.m.

Transcr. Graf. **mosu** “[...] *que trabalha na pescaria é, é mosu, mosu ahenti chama di mosu a profissão de pescadô [...].*” (O.S., 72 anos); *A equipe é essa merma se foi di cinc’, seis mosu aquilo ali é uma equipe di mosu daquela redi, digo, pesca direto naquela redi, o mosu tem essa obrigasãw.*” (C.P.N, 66 anos)

‘Moço responsável pela atividade da pesca’.

A lexia simples *moço* encontra-se no campo nuclear do conceito **PESCADOR**. Quanto às definições citadas nos dicionários gerais e etimológicos, não correspondem à significação com que a lexia é empregada na comunidade de Baiacu. As denominações mais freqüentes para esse conceito no *corpus* em apreço apresentam-se, também, como lexias compostas e complexas.

Nesse sentido, os traços que unem o conceito **MOÇO** às outras denominações são os traços ‘masculino’ e as ‘funções laborais da pesca’.

MOÇO RASO sintagma nominal

Transc. Graf. **Mosu razu** “[...] *Tem mosu que ahenti leva ainda não sabe pescá, mas ahenti leva pra desafoná, não sabi fazé a cort (?= cortiça) a, esses é mosu razu, como diz. [...].*” (O.S., 72 anos); “*O mosu razu é o que mais gãa. O mosu razu é na bruta, faz qualqué trabaio.*” (Z.N., 40 anos)

‘Moço considerado aprendiz, e também aquele disponível a qualquer serviço na pesca’.

A denominação *moço raso* é uma lexia não dicionarizada, apresentando relação metafórica. Trata-se de uma metáfora conceptual⁶.

MOÇO PROFISSIONAL sintagma nominal

⁶ A metáfora passa a ser considerada como uma comparação, em que há uma identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para o outro. Para Lakoff e Johnson (2002; LAKOFF, 2003), sobretudo, o sistema conceptual dessa teoria é metaforicamente estruturado, isto é, os conceitos, na sua maioria, são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos.

Transc. Graf. **Mosú profesionau** [...] *Tem mosu que ahenti leva ainda não sabe pescá, mas ahenti leva pra desafoná, não sabi fazé a corti (?= cortiça) a, esses é mosu razú, como diz. Tem o mosu razú e o mosu profesionau, que já sabi.*” (O.S., 72 anos)

‘Moço mais experiente dentre os outros *moços*’.

Moço profissional é o oposto, o antônimo de *moço raso*. Associa-se à idéia de pessoa experiente. Lexia não dicionarizada.

MOÇO DE/A REDE sintagma nominal

Transc. Graf. **Mosú di/a redi** “[...] *Mas que trabała na pescaria é mosu, mosu ahenti chama de mosu, a profissão de pescadô, omi que trabała na pescaria [...]. Aqui em Baiacu é mosú di redi, tem o mestri e tem os mosu, é a manera de empregá o, o termu [...].*” (O.S., 72 anos); “São os *mosú da redi* que trabała na pesca [...]” (M.D., 68 anos)

‘Moço que trabalha na pesca’.

Lexia complexa não dicionarizada. A lexia simples *moço* passa à complexa *moço de rede*. No dizer de Piel (1989, p.132), passa a ser bitemática, mas o seu significado é preservado se comparado ao monotemático.

CANOEIRO s.m.

Transc. Graf. **Canoeru** “[...] *youê vein de lá e tá veno uma bóia acesa. Otro dia o cara disse assim “rapaz pega essa canoa aí, chama esse canoeru aí, chame esse canoeru”. E eu tô cá imboxo. Ele chamô porque ele se alagó, ele veio a pano e se alagó. Aí, ele ficó “ei, canoeru, ei canoeru”, chamano. Agora, se a canoa dele quebrá é o istaleru que cūserta [...].*” (J.A.G., 59 anos)

‘Aquele pescador que se encontra com a canoa estacionada em alto mar’.

Encontram-se registros da lexia composta ou da forma fixa *canoero* em Ferreira (1999, p. 392) e em Houaiss (2004, p. 131), como ‘aquele que dirige canoa’.

PÉ DE BANCO⁷ sintagma nominal

Transc. Graf. **Pé di bancu** [...] *o pé di bancu é que rema a canoa. E quando ele acaba di remá a canoa, ele vai puxá aquele chūbu, o largadô puxa uma parti e ele puxa otra até chegá em cima. [...]As veiz pega pé di bancu pra ajudá o abaxadô[...].* (C.P.N., 66 anos)

⁷ Cf. análise também na microestrutura onomasiológica de *recipiente*.

‘Moço que desempenha a função tanto de remar a embarcação, quanto a de realizar outros serviços do ramo da pesca’.

Lexia não dicionarizada. Outra denominação metonímica. Há quatro significações para esse termo, em Baiacu, o que revela relação de polissemia. A primeira se refere a uma das partes da canoa, lugar específico reservado para colocar a *vela de pena*; a segunda, como recipiente para colocar o pescado. Uma outra diz respeito ao assento do *moço pé de banco*. E uma quarta, relaciona-se à denominação para o ‘pescador cuja função, nessa microestrutura, é a de remar’.

POPEIRO s.m.

Transc. Graf. **Poperu** “[...] *cada qual tem seu trabalho* [...] *o poperu é quem equilibra a canoa é quem vai pra onde ahenti qué, vamo pra tal lugá, quem governa a canoa ele, sabe?*” (L.A.S, 34 anos); “*Agora esses rapaz que pesca se chama mosu di redi, cada qual tem sua posição dentro da canoa. Por exemplo... e tem o poperu [...] rema pra governá certão pra num, num saí do ritmo, né, do nível, porque se saí, perdi o lãsu.*” (J.A.G, 59 anos)

‘Moço que desempenha a função de remar a embarcação’.

Popeiro serve também como extensão semântica para o conceito MOÇO. Trata-se de um derivado de *popa*, uma das subdivisões da embarcação *canoa*.

Observa-se que o pescador atribui ao ser humano características pertencentes ao seu objeto. Apesar de o termo *popeiro* expressar o conceito de ‘governar’, o pescador expressa uma relação, por analogia, com uma das partes da embarcação. Lexia não dicionarizada.

CONTRA-POPEIRO s.m.

Transc. Graf. **Contra-poperu** “*Qué dizé, aqui é o seguinte, desde quando a pessoa vai trabalá, as veiz não sabe trabalá. Aí chega o mestri e diz assim: vambora, vambora pescá? Aí leva aquele mosu, aquela pessoa. Aí pega e bota no contra-poperu pra largá a cortisa. Então, por ali é que a pessoa, o mosu comesa [...]. Mas ondi comesa é no contra-poperu. Qué dizé, no contra-poperu comesa, e mûytas veiz no contra-poperu termina, porque quando vai chegano de uma certa idade se vortá a pescá, vorta de novo pru contra-poperu, porque as fosa vai, vai perdeno. Intão, ele vorta pra’quela pozisão.*” (C.P.N., 66 anos)

‘Moço responsável por largar a cortiça e auxiliar o *moço popeiro*. Refere-se, também, ao ‘primeiro posto daquele que inicia a carreira na pesca’.

A lexia composta *contra-popeiro* não se encontra dicionarizada. *Contra-popeiro* revela a relação de hierarquia existente na categoria de *moço*, quanto às fases por que passa o profissional da pesca.

ABAIXADOR s.m.

Transc. Graf. **Abaxadó** “A pessoa que só levanta a redi é o *abaxadó*.” (M.D., 68 anos).

‘Moço pescador que fica sob a água e dentro da rede, supervisionando a captura do pescado cuja função mais saliente é abaixar e cercar a rede’.

Apenas dois dos dicionários pesquisados registram a lexia composta *abaixador*: os de Ferreira (1999) e de Cunha (1999) que apresentam para a lexia *abaixador* a datação do século XIV, como proveniente de *baixo* < lat. **bassus**.

Possui duas categorias básicas a de adjetivo e a de substantivo. Passa a ter o mesmo valor do termo central *moço*, quando se constrói do mesmo modo que a referência ‘ser pescador’. O sentido de base é de origem latina **bassus**.

CALÃO DE FORA sintagma nominal

Transc. Graf. **Calãw di fora** “[...] e daí ahenti comecemu na maré, e aprendemu que *calãw di fora* é os mosu que fica co’ a água nos peitu. É dois, um na frente, puxa; otro, segura o *calãw*. *Calãw di terra*, o mosu que a água fica no *juelu* ou *abaxo do juelu*.” (C.P.N., 66 anos); “Os que vão por terra é *calãw di terra*, é *redi di camarãw*; os que vão por lá, vão mais pelo fundo, chama *calãw di fora* porque tá lá na parte di fora, e o que tá mais cá em terra é *calãw di terra*. Os de lá vai, vai com água na cintura, nas caxa dos peitus, e os daqui vai pelo razu, é *calãw di terra*. O *calãw di terra* não se *moła*.” (O.C., 72 anos)

“Moço que pesca na área menos superficial do mar”.

Forma não dicionarizada. *Calão de fora* é uma expressão referente à coisa, sendo usada, também, por metonímia, para designar seres humanos. Esta lexia complexa *calão de fora* indica o tipo de rede utilizado e o local onde o *moço* pesca, com referência à profundidade do mar.

CALÃO DE DENTRO/ CALÃO DE TERRA sintagma nominal

Transc. Graf. **Calãw di dentu/ Calãw di terra** “[...] *calãw* é a redi que pesca quatro pessoa, mosu, é a redi di arrastu, é *camarueru*, chamada *camarueru*, são duas pessoa, mosu pescanu fora, no *calãw di fora* e uma pessoa pescano no *calãw di terra, di dentu* e fica um mosu na canoa catano o *camarãw*,

*separano o camarãw di pexi, do siri, e da bagacera que é o limo, água-ma, esses negosu” (M.O., 22 anos); “Os que vão por terra é **calãw di terra**, é redi di camarãw; os que vão por lá, vão mais pelo fundo, chama calãw di fora porque tá lá na parte di fora, e o que tá mais cá em terra é **calãw di terra**. Os de lá vai, vai cum água na cintura, nas caxa dos peitus, e os daqui vai pelo razu, é **calãw di terra**. O **calãw di terra** não se moła.” (O.C. , 72 anos)*

‘Moço pescador de rede de camarão cuja função é associada à posição em que se encontra no mar e no tipo de rede em que se pesca’.

Forma não dicionarizada. As variantes lexicais *calão de dentro* ou *calão de terra* apresentam a mesma significação: ‘moço que não pesca nas profundezas do mar’.

CHUMBEIRO s.m.

Transc. Graf. **chūberu** “[...] *tem o chūberu, no caso di redi di arrastu, tem quem puxe o chūbu*” (J.A.G., 59 anos); “*Porque den’ da pescaria , cada um tem sua funsã , né. Tem um que puxa o chūbu; o outro faz a curtisa, enquanto faz a curtisa, o otru faz, faz o pano. Quem faz a curtisa é o curticeru, quem puxa o chūbu é o chūberu. Se fô chamá o puxadô de chūbu pelo nome dele, e não chamá o puxadô di chūbu di chūberu, não sabe quem é... oh, chūberu, aí tem aquela pessoa especfíca, é um nome criado ali den’ pra distacá um do outro.*” (O.C. , 72 anos)

‘Moço cuja função é de mover o chumbo que se encontra preso à rede’.

Chumbeiro provém do sentido de base de ordem latina **plūmbum** (port. *chumbo*), cuja categoria básica é o substantivo. Encontra-se dicionarizado, através da entrada *chumbo*, apenas no dicionário de Cunha (1999, p.180), porém com outra acepção diferente da encontrada na comunidade de Baiacu.

A significação testemunhada pelos pescadores informantes demonstra que a lexia composta *chumbeiro* distingue-se da de *curticeiro*.

Verifica-se que esse é outro nome referente à coisa, sendo aplicado, por metonímia, à categoria humana. Por ser resultante de uma derivação sufixal, conforme Alves (1994), atribui uma ideia acessória à palavra-base, além da idéia implícita de existência de um agente.

LARGADOR s.m.

Transc. Graf. **Largadô** “[...] *o que larga a redi , aqueles bolo no meio da redi, os bolo que marra na redi, chama di largadô., largadô levanta a redi para jogá pra o má.*”(J.A., 49 anos)

‘Moço trabalhador de pesca que desempenha a tarefa de lançar a rede ao mar’.

Lexia não dicionarizada.

CAMAROEIRO s.m.

Transc. Graf. **Camarueru** “*Camarueru quem sai de noite, redi de camarãw aí é camarueru , e taïera que é essa redi daqui ((Mostra uma longa rede)), aí se perguntá “vai pescá de quê”?, taïera. Aí vem um taïeru. E assim que são chamado[...].*” (A.G.N., 25 anos)

‘Pescador que trabalha com a rede de camarão’.

Camaroeiro é uma lexia composta. Dentre os dicionários pesquisados, encontra-se registro apenas em Houaiss (2004): “s.m. [...] 2 pescador de camarões” (HOUAISS, 2004, p.127). Tal significação coincide com a do informante A.G.N. (25 anos).

TAINHEIRO s.m.

Transc. Graf. **Taïeru** “*Camaroeru quem sai de noiti, redi de camarãw aí é camaroeru , e taïera que é essa redi daqui ((Mostra uma longa rede)), aí se perguntá “vai pescá de quê”?, taïera. Aí vem um taïeru. E assim que são chamado[...].*” (A.G.N., 25 anos)

‘Pescador que trabalha com a rede de tainha, instrumento utilizado para a pesca do peixe *tainha* e outros tipos de pescado’.

Lexia não dicionarizada, derivada do termo *tainha*, devido ao pescador fazer referência ao trabalhador da pesca, associando-o à função que ele desempenha, ao trabalhar com a pesca de tainhas.

GROSEIREIRO s.m.

Transc. Graf. **Grusereru** “[...] *pro geleru que gelava pexi pra zelá, chamava compradô, pra ele era sofrêdô porque na época viajava de saveru, travessia de Baia’ku passava em Itaparica até Salvadô. E era o saveru Ema, o Índio. Mas, viajava mais por terra de animal. O geleru comprava mais pexi na mão do grusereru, aquele que pesca grusera, mas tem que ter cuidado porque dos anzol pra não baté nos den (?= dentes).*” (J.S.P., 86 anos)

‘Pescador que trabalha com a rede de groseira, instrumento de captura considerado pelos pescadores como perigoso, devido aos anzóis que a compõem’.

Lexia composta não dicionarizada. É perceptível a relação de semelhança que o termo *grosereiro* apresenta com a lexia *rede de groseira*, pertencente à microestrutura de *Apetrechos*, (que será analisada posteriormente).

MUNZUAZEIRO s.f.

Transc. Graf. **Mũzuazeru** “[...] *a redi tem a mala mũỹto piquena, mata mũỹta cria, num prospera o pexi. Eles não vendi esses peixõ, ou do contrário, eles ajunta aqueles tanto, baldis e baldis e junta pra fazé isca de mũzuazeru, pra pegá siri. O mũzuazeru faz um jiki, um negosu desse, um cofiu assim [...] pra botá isca pra pegá siri. E é isso que tá fazeno falta, se a cria morre, como é que pode prosperá nada.*” (J.A., 49 anos)

‘Pescador cuja função é fisgar um tipo de crustáceo denominado siri, com o *munzuá*’.

Lexia não dicionarizada. Derivada de *munzuá*.

CORTICEIRO s.m.

Transc. Graf. **Curticeru** “*O pessoal chama que é mosu, que é mosu [...]. Existe uma lei, po exemplo, na pesca tem uma lei quem é mestri é mestri, quem é mosu, tem o chũberu, no caso de redi di arrastu, tem quem puxe o chũbu, tem quem largi a cortisa, chama o curticeru, tem abaxadô, tem o mestri quando diz que é mestri é mestri e contra-mestri[...].*” (J.A.G., 59 anos)

‘Pescador que lança a cortiça no mar’.

Lexia não dicionarizada. Trata-se de um termo derivado de *cortiça*.

Se forem aproximadas todas as denominações do conceito PESCADOR: *mestre de rede, proeiro, moço raso, moço profissional, moço de rede, canoeiro, pé de banco, popeiro, contra-popeiro, abaixador, calão de fora, calão de dentro, chumbeiro, largador, camaroeiro, tainheiro, grosereiro, munzuazeiro*, nota-se que tais unidades lingüísticas têm em comum os traços <pescador>, <homem>, <trabalhador de pesca>, <tripulante>, <não é mestre>, <serviçal>, <aprendiz>, <profissional>. Os semas que diferenciam cada uma dessas lexias referem-se à <-dono de rede> <-mestre>, <+trabalhador>.

Moço é a denominação correspondente à noção de ‘pescador’. Apenas a lexia *chumbeiro* apresenta sentido de base derivado de uma lexia de origem latina, as demais não se encontram dicionarizadas. Outras, como a lexia *moço*, embora dicionarizadas, não correspondem às definições registradas. Do mesmo modo, é possível perceber que as relações que ocorrem são de ordem também de associações por um elemento comum a todos os termos, pela duplicidade de sentido e de forma, pelos elementos de derivação e composição, e pela função que desempenham na pesca. O que une as denominações desse campo é, geralmente, a hierarquia ou as funções específicas que se verificam durante o processo da

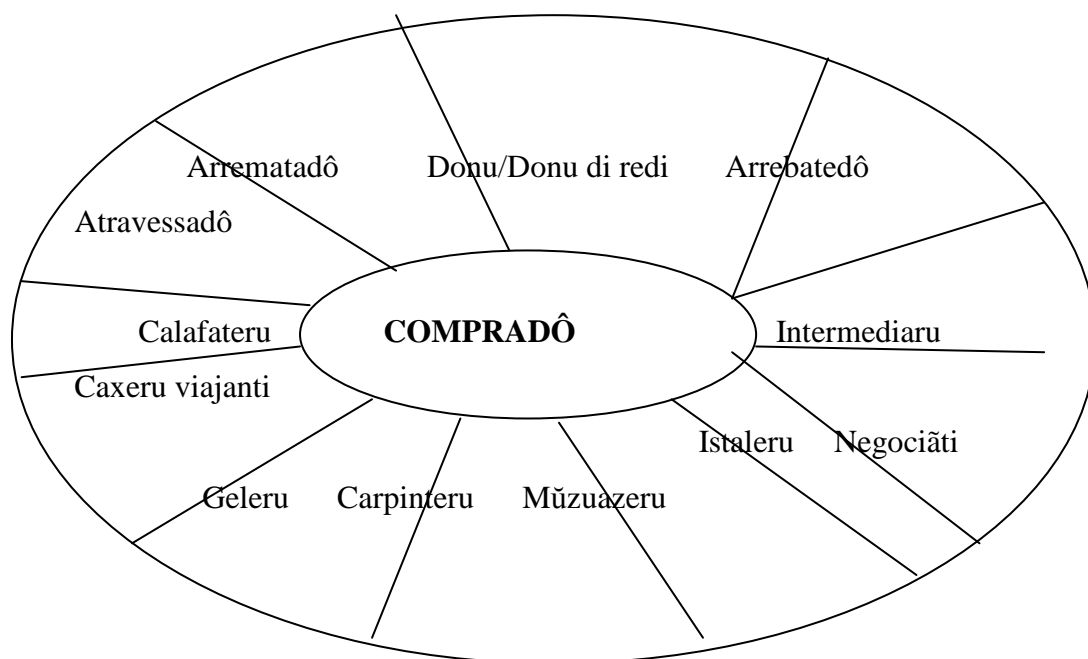
pescaria. A sua motivação se dá através de séries associativas, a exemplo de *larga-dor*, *abaixa-dor*, e de categorias, a exemplo de *moço popeiro*, *moço profissional*, entre outras.

Das denominações acima consideradas, nove não se encontram dicionarizadas, são elas: *calão de fora*, *calão de dentro ou de terra*, *contra-popeiro*, *popeiro*, *largador*, *moço raso*, *pé de banco*, *moço de rede* e *moço profissional*. As dicionarizadas são: *abaixador*, *moço* e *chumbeiro*.

A análise onomasiológica de **PESCADOR** demonstra que as relações que nela estão presentes ocorrem, a exemplo de: *calafateiro*, *camaroeiro*, *canoeiro*, por um elemento comum a alguns termos, no caso, o sufixo *-eiro*. Detectou-se apenas o sentido de base da origem de dois termos: *mestre*, oriundo do latim, e *calafateiro*, do árabe. Das demais denominações, encontram-se dicionarizadas cinco: *calafateiro*, *camaroeiro*, *canoeiro*, *mestre* e *moço*. As não dicionarizadas são: *corticeiro*, *dono de rede*, *grosereiro*, *proeiro* e *tainheiro*.

6.1.2 Campo onomasiológico de PESCADOR: Microestrutura onomasiológica de PROFISSÃO





Este campo responde às questões: 15- Como funciona a pescaria? 47- O (a) senhor (a) é ____'; '48- O (a) senhor (a) é pescador (a), gostaria de ter outra profissão?'; '59- Uma pessoa que tem rede como é que se chama?'; '64- Como é designada a pessoa que sai para pescar?'; '65- Como é que se vende o pescado?'; '66- Quem é que compra o pescado?'

A microestrutura onomasiológica de *profissão* constitui-se de lexias simples, compostas e complexas, compreendendo doze denominações: *arrematador*, *arrebatador*, *atravessador*, *calafateiro*, *caixeiro viajante*, *carpinteiro*, *comprador*, *dono de rede*, *estaleiro*, *geleiro*, *intermediário*, *negociante*. O sentido de base da maioria das denominações é oriundo do latim, assim como a categoria básica é o substantivo.

DONO s.m.

Transc. Graf. **Donu** “*Quem é donu pode sé mestri tamém, mas quem é mais donu é quem não pesca. O donu é meló que tem mais voz, e o mestri não tem voz nũuma, se o cara dissé assim “oia, dexe o meu negosu, não vou pescá não, aí ele fica feliz. ((Risos)).”* (M.D., 68 anos)

‘Pessoa que tem poder de compra, e como dono de rede passa a gerenciar a equipe. Geralmente é um comerciante da própria localidade’.

DONO DE REDE sintagma nominal

Transc. Graf. **Dono di redi** “*Quem pode tem a redi, é o donu di redi, e tamém pode sé o mestri[...]*No caso Barãw tem duas redi é o **donu**, mas uma Naldo mestra e a, o filho de Naldo mestra otra. *Qué dizé, são dois mestri pra duas redi. Baum é mestri da redi de Beñõ, Beñõ que é o donu. Romi é donu e é o*

mestri. Naldão é donu di redi e é o mestri, den' do mesmo tempo. Qualquer pessoa não pode sé mestri, não. Tem que cûecê porque não é todo mundo que sabe." (J.A., 49 anos)

'Pessoa que tem poder de compra, e como dono de rede passa a gerenciar a equipe. Geralmente é um comerciante da própria localidade'.

De acordo com Diegues (1983), entre os donos de rede e os pescadores existe uma oposição não-antagônica, na medida em que ainda dominam alguns segredos da profissão e são aparentados ou vizinhos. O diferencial de renda entre ambos é visível. Daí situarem-se os pescadores entre os grupos mais pobres, com altos índices de analfabetismo, péssimas condições de moradia. Na comunidade de Baiacu, é raro encontrar um pescador que seja dono de seu material de trabalho. Apenas quatro pescadores, aproximadamente, são donos de rede, possuem rede. Os demais ficam à mercê do comerciante que, geralmente, além de ser *donu de rede* é também de canoas e alguns outros apetrechos. Existe um vínculo de parentesco ou de amizade ou apadrinhamento entre o *donu de rede* e o pescador.

Em Baiacu, a possibilidade de ser 'mestre', ao mesmo tempo em que se é *donu de rede*, só acontece para aquele que já vive do ramo da pesca, mas não para o comerciante. Um exemplo disso é o do jovem pescador, o INF.20, E.L.A., 29 anos, que, além de "mestrar" a rede de um dos comerciantes, comprou a sua própria rede, recentemente. Os pescadores fazem questão de falar sobre ele com alegria e satisfação.

A lexia complexa *donu de rede* é uma forma não dicionarizada. Encontra-se registro nos dicionários apenas para os termos *donu* e *rede*.

GELEIRO s.m.

Transc. Graf. **Geleru** "[...] *tia o caxote, compra o gelo no mercado e trazia cuberto de pó de serra, encaxotava o pexi, quebrava o gelo e jogava por cima. Era o geleru, oje é compradô, negociãte. Antigamente era geleru, rederu.*" (J.A., 49 anos)

'Antigo negociante que detinha o poder de compra assim como de espaço para adquirir e congelar o pescado'.

Lexia não dicionarizada, derivada de *gelo* e foi substituída, na comunidade por *comprador, comerciante, negociante*. A lexia *geleiro* denominava uma espécie de comprador que, além de negociar com os pescadores e comprar o pescado, possuía um lugar específico para colocar o peixe, a fim de mantê-lo conservado. Para tanto, comprava gelo e o 'pó de

serra' em Salvador, e depositava-os em uma espécie de cuba feita de cimento localizada na parte de trás do *palheiro*.

INTERMEDIÁRIO s.m.

Transc. Graf. **Intermediaru** “*Os pexi tem as pessoa que compra, qué dizé que, antigamente, ahente chamava rederu, arrebatedô, atravessadô. Oje, não tem, oje as pessoa mermo vai pra bera da canoa e compra aquele pescado, o intermediaru, negociãti, mulé, omi.*” (C.P.N., 66 anos)

‘Aquele que compra o produto diretamente com o pescador e o revende a outrem’.

No campo das significações para a lexia *intermediário* encontram-se dicionarizadas os semas ‘negociante’, ‘intermédio’, ‘mediador’, ‘corretor’. Aquele ‘que está de permeio; intermédio, mediador, negociante que age entre o produtor e o consumidor’ (FERREIRA,1999, p.1125).

NEGOCIANTE s.m.

Transc. Graf. **Negociãti** “[...] *tã o caxote, compra o gelo no mercado e trazia cuberto de pó de serra, encaxotava o pexi, quebrava o gelo e jogava por cima. Era o geleru, oje é compradô, negociãti. Antigamente era geleru.*” (J.A., 49 anos)

‘Pessoa que compra e revende o pescado’.

A unidade lexical *negociante* provém do latim *negōtiātīō, -ōnis*.

COMPRADOR s.m.

Transc. Graf. **Compradô** “[...] *tã o caxote, compra o gelo no mercado e trazia cuberto de pó de serra, encaxotava o pexi, quebrava o gelo e jogava por cima. Era o geleru, oje é compradô, negociãte. Antigamente era geleru, rederu.*” (J.A., 49 anos)

‘Homem ou mulher que compra o pescado tanto para revender em outras localidades, quanto para sustentar-se, como alimentação diária’.

Termo oriundo do latim < **compĕrāre* (port. *comprar*). Lexia composta a partir do verbo *comprar*.

REDEIRO s.m.

Transc. Graf. **Rederu** “*Os pexi tem as pessoa que compra qué dizé que, antigamente, ahenti chamava **rederu**, **arrebatedô**, **atravessadô**. Oje, não tem, oje as pessoa mermo vai pra bera da canoa e compra aquele pescado, o intermediaru, negociãti, mulé, omi.*” (C.P.N., 66 anos)

‘Pescador que desempenhava a função de comprar e vender os pescados e os mariscos’.

Lexia não dicionarizada.

ARREBATADOR s.m.

Transc. Graf. **Arrebatedô** “*Os pexi tem as pessoa que compra, qué dizé que, antigamente, ahenti chamava **rederu**, **arrebatedô**, **atravessadô**. Oje, não tem, oje as pessoa mermo vai pra bera da canoa e compra aquele pescado, o intermediaru, negociãti, mulé, omi.*” (C.P.N., 66 anos)

‘Pescador que compra e revende o pescado’.

A unidade lexical *arreatador* provém do étimo < *ar-ribāt*, de origem árabe, conforme Cunha (1999). Lexia em desuso na comunidade em apreço, e substituída por *comprador*, *comerciante* e *negociante*,

ARREMATADOR s.m.

Transc. Graf. **Arrematadô** “[...] *tem que agradecê a Deus por té dado uma pescaria meló pra henti e que é pescadô que pesca cuida da mercadoria pra não ficá ruim. Levá pra casa, logo. No meu caso, eu pesco mesmo pra mim, não saio vendeno assim não. É camarãw, e você tem que té mũyto cuidado, chegá em casa, lava ele, bota uma água gelada pra conservá. Eu vendo aqui na porta mermo. Tem henti, os **arrematadoris** que compra na nossa mão e vai levá pra Salvadô pra revendé.*” (J.A., 49 anos)

‘Pessoa que compra e revende o pescado’.

Arreatador é um termo não dicionarizado. Lexia em desuso, na comunidade, sendo substituída por *negociante*, *comerciante* e *comprador*.

ATRAVESSADOR s.m.

Transc. Graf. **Atravessadô** “*Os pexi tem as pessoa que compra, qué dizé que, antigamente, ahenti chamava **rederu**, **arrebatedô**, **atravessadô**. Oje, não tem, oje as pessoa mermo vai pra bera da canoa e compra aquele pescado, o intermediaru, negociãti, mulé, omi.*” (C.P.N., 66 anos)

‘Pessoa que compra e revende os pescados’.

A lexia composta *atravessador* encontra-se em desuso, entre os pescadores da comunidade de Baiacu, sendo substituída por *comprador*, *comerciante* e *negociante*.

CAIXEIRO VIAJANTE sintagma nominal

Transc. Graf. **Caxeru viajanti** “[...] *quem comprava o pexi e levava pra cidade ((Salvador)), pra Nazaré, pra Marogogijpõ, de primero, era caxeru viajanti, era o caxeru viajanti.*” (J.S.P, 86 anos)

‘Pessoa que comprava e revendia o pescado em Salvador e em outras localidades da Ilha’.

De acordo com Houaiss (2004, p. 123) *caixeiro viajante* recebe a acepção de “vendedor que exerce sua atividade viajando”.

Na comunidade, o conceito relacionado ao termo *caixeiro viajante* deriva da idéia de pessoa que viaja para revender peixes e mariscos.

CARPINTEIRO s.m.

Transc. Graf. **Carpīteru** “*Eu fasu reparo, só reparo nas canoa, sou carpīteru, e maderá boa é o viático porque é duravi e mais resistente no busano, porque tem o recurso pro busano, é dá um trato na canoa, é lavá, deixá tomá sol de quinze em quinze dias, porque o busano parece um canudo, o furo que ele faz é uma bobague, agora por dentu que ele faz um estrago. Ele é uma lerma assim, parecenu uma mão [...] (?= minhoca). Ele é a nossa mão de obra, e quando a maderá apodrece tamém, mas o maió concorrente é ele, o busano. Em qualqué lugá que tivé pau, ele come, é brabo o animaw.*” (O.C., 72 anos)

‘Pescador que desempenha a tarefa de carpintaria, sobretudo para zelar pela canoa’.

De sentido de base oriundo do latim <*carpentārius*, -ũ. Cunha (1999, p. 158) designa a lexia *carpinteiro* como: ‘artífice que trabalha com madeira, em obras grosseiras’ XV, de origem celta.

CALAFETEIRO s.m.

Transc. Graf. **Calafeteru** “[...] *quem tá calafetano a canoa é Careca ((codinome de A.S)) que é o calafeteru que bate a canoa porque da água quando a canoa fica vela pra ela não í pro fundo. Ele estôpa co’ biriba, uma maderá, ou com nalô, e calafeta pra tapá o buraco com estôpa pra depois pegá o bréu e passá pra vendá, mas tem que té formãw, ferro de calafete. Mas, nós tudo é pescadô.*” (J.S.P., 86 anos)

‘Pescador que faz serviços de calafetar a canoa’.

Calafateiro, provavelmente, seu sentido de base deriva-se do árabe ‘qálfat’. No TermNav, Pico (1964) registra a lexia *calafateiro* como : “s.m. De *calafetar* (Corominas, I, 583 e 584), talvez pelo cat. *calafat*. Séc. XIII” (PICO,1964, p.204). Corominas (1954), a partir da entrada *calafatear*, assinala: “del antiguo *calafatar*, palabra común a los principales idiomas mediterráneos medievales [...] probablemente del ár. Qálfat [...] quizá procedente del lat. *CALEFARE [...]”(COROMINAS, 1954, p. 583).

ESTALEIRO s.m.

Transc. Graf. **Istaleru** “[...] *youê vein de lá e tá veno uma bóia aceza. Otro dia o cara disse assim “rapaz pega essa canoa aí, chama esse canoeru aí, chame esse canoeru”. E eu tô cá imbaxo. Ele chamô porque ele se alagó, ele veio a pano e se alagó. Aí, ele ficó “ei, canoeru, ei canoeru”, chamano agora se a canoa dele quebrá é o istaleru que cûserta [...].”* (J.A.G., 59 anos)

‘Pessoa que desempenha a função de fazer reparo nas embarcações’.

Trata-se de uma metonímia, pois essa lexia é usada como referência ao lugar onde são construídas ou reparadas as embarcações em geral (FERREIRA, 1999, p. 928)

As relações da microestrutura onomasiológica de *Profissão* revelam-se, a partir de associações verificadas nos elementos formados por composição, derivação, associadas por um elemento comum a alguns termos, prefixos e sufixos, a exemplo das séries associativas *pescador, arrebatador, comprador, comprador, abaixador*. O sentido de base de algumas lexias, como por exemplo: *atravessador, carpinteiro, comprador, negociante* é oriundo do latim; enquanto que *arrebatador* e *calafateiro* advêm do árabe; e *caixeiro*, do catalão. As lexias que não se encontram dicionarizadas são: *arrematador e geleiro*. A categoria de base é o substantivo.

Das denominações, 09 (nove) se encontram dicionarizadas: *arrebatedor, atravessador, caixeiro viajante, calafateiro, carpinteiro, comprador, estaleiro, intermediário, negociante*. As consideradas em desuso são: *arrematador, atravessador, caixeiro viajante, geleiro*. A maioria é motivada por série associativa de compostos análogos, por exemplo, as lexias *arrebate-dor, ar-remata-dor, a-travessa-dor*, em que há intersecção de duas séries as de *arrebate, arremate, atravesse* e a de *rebatedor, rematador e atravessador*.

No geral, quando se analisam as duas microestruturas que encobrem o campo onomasiológico de **PESCADOR**, observa-se que, geralmente, as denominações não se encontram dicionarizadas. Das 35 (trinta e cinco), 19 (dezenove) não são registradas.

6.2 O CAMPO ONOMASIOLÓGICO DE APETRECHOS

O termo *apetrecho* tem sua origem no castelhano *pertrecho*, registrado a partir do século XV. Encontra-se dicionarizado como substantivo masculino, e expressa a idéia de ‘qualquer objeto necessário à execução de algo’ (CUNHA, 1999, p. 57).

Os *apetrechos de pesca* são instrumentos que se usam na atividade pesqueira e podem agrupar-se, segundo alguns critérios, tais como: tamanho, forma (linhas e redes), entre outros. São os meios pelos quais os pescadores atribuem função aos objetos da pesca. De acordo com Santos (2004, p. 91; 95):

[...] um apetrecho evoca um outro por associação funcional (...) Essas associações estão, muitas vezes, na base da elaboração simbólica relacionada às necessidades, ao exercício das profissões [...] os trabalhos que desempenham [...], assim como os sentidos que dão a essas atividades, são refletidos nas denominações e nos novos sentidos que, por sua vez, estas assumem no contexto social ao qual estão associadas.

Paralelo a essa assertiva, a arte de pesca e o instrumento de trabalho estão intimamente ligados à produção artesanal. Para Lyons (1979), palavras que se refiram a artefatos só podem ser definidas em relação à finalidade ou à função normal dos objetos a que elas se referem, e está ligada à cultura, no sentido de que reflete as instituições e práticas particulares de culturas diferentes.

Os apetrechos de pesca tradicional têm uma significativa variação quanto às denominações. Uma amostra disso são os conjuntos de arrastos, arte de pescar, pois a função e o uso são diferentes, a depender da espécie a ser capturada.

Na comunidade de Baiacu, os *apetrechos* são utilizados para diferentes finalidades, tais como: embarcações, amarrações, iluminações, iscas, atrações, limpeza, instalações, costuras. Citam-se como exemplo: *panos de vela de pena e de traqueteira, espadelas, cofo, fifó, candeeiro, cuia de cabaça e de capacete, bordas de carringa e de caverna, jiqui, jererê,*

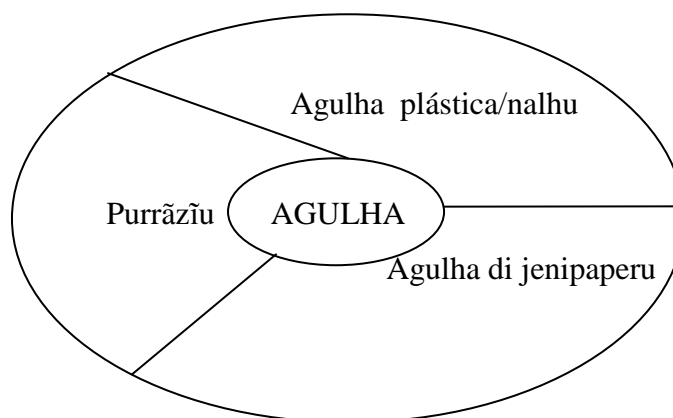
tendar, rede, remo, canoa, espadela, verga, mastro, agulhas de jenipapeiro e de plástico, balde, balaio, cofo, cesta, saco plástico, cambito, anzol, fifó, entre outras unidades.

Assim, procuram-se revelar, ao longo da análise sobre o campo onomasiológico de **APETRECHOS** de pesca, como estão designados os instrumentos necessários à execução da pescaria. Para tanto, parte-se dos conceitos para poder relacionar a unidades. Nesse sentido, o que se busca a oferecer é uma referência à macroestrutural formal e à conceitual, em que são apresentadas nove (9) microestruturas referentes aos materiais que se utilizam para a pesca, a exemplo de: **CANDEEIRO** - objeto que se usa para clarear no escuro na hora da pescaria; **AGULHA/PREPARO DA REDE** - objeto que serve como instrumento de costura para preparo da rede; **INSTRUMENTOS DE CAPTURA** - elementos que servem para capturar peixes e moluscos; **VELA** - tipo de pano que serve para velejar; **EMBARCAÇÃO** - transporte utilizado para pescar; **RECIPIENTE/VASILHA** - objeto que serve para colocar o pescado; **PAU DE MADEIRA** - objeto que serve para auxiliar nas atividades da pesca e sustentar tantos outros objetos; **CORDA** - instrumento que desempenha a função de entrelaçar um material ao outro; **TRAJE DE PESCADOR** - objetos que servem como proteção na hora da pesca. São campos pertencentes ao universo do homem da pesca.

O campo onomasiológico **APETRECHOS** responde às questões referentes aos números de 12 a 45 e de 79 a 86 do Questionário Semântico-Lexical (QSL). Observa-se nesse campo que alguns termos se encontram dicionarizados, enquanto outros, não. O sentido de base de origem dos vocábulos, na maioria, é oriundo do latim. O vocabulário utilizado pelos pescadores para denominar os instrumentos de pesca apresenta, constantemente, substantivos e sintagmas nominais sendo a categoria de maior representatividade a de substantivo. As denominações encontradas são lexias simples, compostas e complexas.

6.2.1 Campo onomasiológico dos apetrechos de pesca: microestrutura onomasiológica de **AGULHA**





Este campo responde a pergunta número 24 do QSL ‘-Como se chama o objeto com que se costura o pano e a rede de pesca?’. Ao tratar do conceito **AGULHA**, os pescadores utilizam-se de substantivo, e servem-se de significações concretas para designar as unidades que fazem parte dessa microestrutura, que são: *agulha, agulha de jenipapeiro, agulha plástica ou de nylon e porrãozinho*.

AGULHA DE JENIPAPEIRO sintagma nominal

Transc. Graf. **Agulha di jenipaperu** “[...] *tem várias redi que tem aí que ahenti não precisa comprá, não, a arraera mermo cose na mão, entrała, compra a lã na loja pra pudê intralá. Intrałá é você tesa a corda com a vara lá, tesa ela aqui assim e aí vai fazeno, pega quatro mala enfia na agulha e dá o nó* ((Faz uma demonstração)). [...] *A agulha que custura redi é plástica, não dá pra cusé ropa não. Não é de furá, não. É mais ou menos pra passá nessa mala aqui* ((Mostra a agulha)). *Ou se não, até de madeira mesmo faz, é agulha de jenipaperu, mas agora, o tempo acabó, o pessoal tá comprano é em loja. Na época de finado Zequã fazia aquelas agulha, vendia. A agulha tem que passá dentro dessa malha pra pudê dá o nó dentro. Antes era de jenipaperu, agora é plástica, compra na loja.*” (J. A., 49 anos)

‘Objeto de costura para rede e outros apetrechos de pesca’.

Lexia complexa, não dicionarizada. Termo em desuso na comunidade.

AGULHA, s.f.

Transc. Graf. **Agulha** “*O objeto que se custura é agula e a lã é naló, lã de naló. Antigamente, era o fio de augudãw, mudó porque o naló superó toda a fibra existente no país. O naló superó toda a fibra pra pesca, pra tudo mais, pra corda. Esse fio é tecido, o naló, a roupa de naló tem mais resistência, mais durabilidade* ((Mostra a agulha))” (O. C., 72 anos)

‘Objeto que serve para costurar a rede e os panos de pescaria’.

A *agulha* era designada, na comunidade, como *agulha de jenipapeiro*. Os pescadores usam o termo *agulha de plástico* ou, simplesmente, *agulha*. O conceito **AGULHA** remonta ao termo latino **acūcula*, que designava um diminutivo de *acus*, para o instrumento de costura (CUNHA, 1999, p.23).

Os dicionários, além de registrar o étimo, apresentam as várias significações para o termo *agulha*. Na comunidade em apreço, além de existir um peixe que recebe também essa denominação, os pescadores se referem à unidade lexical *agulha* como ‘objeto de costura’.

AGULHA PLÁSTICA sintagma nominal

Transc. Graf. **Agulha plástica** “[...] *tem várias redi que tem aí que ahenti não precisa comprá, não, a arraera mermo cose na mão, entra-la, compra a lã na loja pra pudê intralá. Intralá é você tesá a corda com a vara lá, tesa ela aqui assim e aí vai fazeno, pega quatro mala enfia na agulha e dá o nó* ((Faz uma demonstração)). [...] *A agulha que custura redi é plástica, não dá pra cusé ropa não. Não é de furá, não. É mais ou menos pra passá nessa mala aqui* ((Mostra a agulha)). *Ou se não, até de madera mesmo faz, é agulha de jenipaperu, mas agora, o tempo acabó, o pessoal tá comprano é em loja. Na época de finado Zequã fazia aquelas agulha, vendia. A agulha tem que passá dentro dessa malha pra pudê dá o nó dentro. Antes era de jenipaperu, agora é plástica, compra na loja.*” (J.A., 49 anos)

‘Objeto utilizado para costuras de panos e redes de pesca’.

Lexia não dicionarizada. É um termo inovador na comunidade.

PORRÃOZINHO s.m.

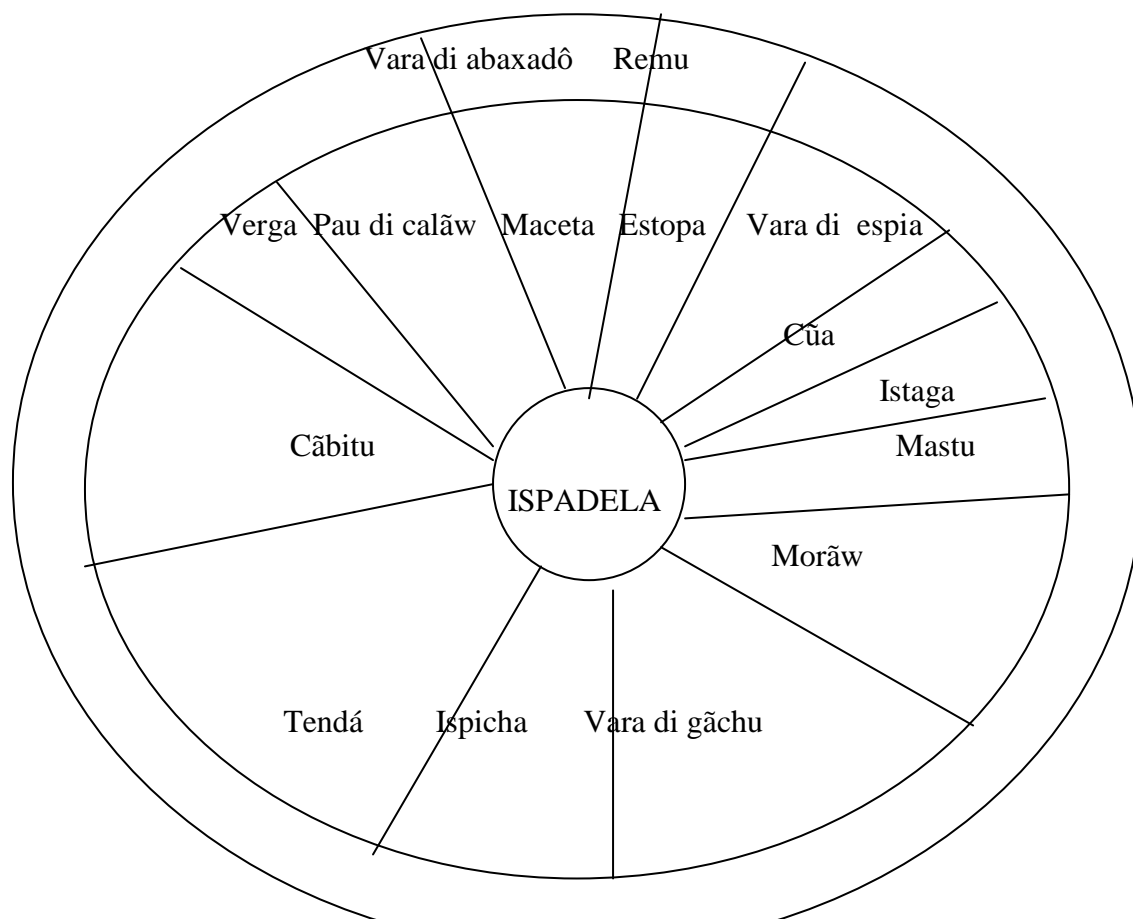
Transc. Graf. **Purrãziũ** *A redi não era dessa não. A redi era de camboa, e o fio, o que cuzia a redi* ((Pergunta ao pai)), *purrãziũ. E todo dia que chegava da pescaria tã de tirá pra botá na (?)*” (A.G.N., 25 anos)

‘Objeto que serve para costurar redes e demais apetrechos de pesca’.

Termo em desuso na comunidade. Para *purrãozinho* encontra-se registro, nos dicionários pesquisados, apenas em Cunha (1999, p. 624), como ‘pote ou vasilha de barro, comumente bojuda e de boca e fundo estreitos’ XVI. Do cast. *porrón*.”

Entretanto, entre os pescadores, a idéia é expressa de maneira distinta da encontrada no dicionário. Observa-se que houve mudança de significação, se comparada com a experimentada pela comunidade, apresentando variadas acepções, além de ‘fio de costura’, como ‘pote’, ‘bebida’.

6.2.2 Campo onomasiológico dos apetrechos de pesca: microestrutura onomasiológica de ARMAÇÃO DE MADEIRA



Este campo encobre as questões “13- Para pescar de que se necessita?”; “14- Aquilo que se usa pra pescar?”; “15- Como funciona a pescaria?”; “16- O (a) senhor (a) pesca com quê?”; “27- Como se chama aquilo que atrai os peixes?”; “29- O que é preciso colocar na rede para pescar?”; “30- Como se chama o objeto que serve para passar por cima do transporte que serve para o senhor pescar?”; “33- Antigamente para pescar peixe se usava o quê? E hoje?”; “34- Na pescaria precisa-se de quê?”; “39- Como é que se chama aquilo que serve para

chamar os peixes?"; "41- O que se coloca na embarcação?"; "45- O que o pescador usa para pescar?"; "85-... a armação de madeira que se coloca no meio da embarcação?".

A microestrutura onomasiológica de **ARMAÇÃO DE MADEIRA** representa o conceito para os objetos constituídos de madeira e utilizados no momento do labor. As denominações encontradas são: *cambito, cunha, espadela, espicha, estaga, estopa, maceta, mastro, morão, pau de calão, remo, tendar, vara de abaixador, vara de espia, vara de gancho e verga*. É uma microestrutura constituída por lexias simples, compostas e complexas. A categoria de base da maioria é o substantivo.

REMO s.m.

Transc. Graf. **Remu** “*Precisa disso aqui pra pescá ((Mostra alguns instrumentos)), cuia, remu, traqueti e a redi que é o principal [...]. A redi não pesca sem você, você não pesca sem a redi, você não pesca sem a canoa, sem o remu.*” (L.A.S., 34 anos)

‘Instrumento de madeira utilizado para manejar a canoa’.

O sentido de base veio do latim *rēmus*. Lexia simples e dicionarizada em Corominas (1954, v. III), Cunha (1999), Ferreira (1999), Houaiss (2004), com o sentido de ‘instrumento de madeira próprio para embarcações’.

VARA DE ABAIXADOR sintagma nominal

Transc. Graf. **Vara di abaxadô** “[...]a vara di ispia é mais alta e grossa, guenta a canoa no meio. E a *vara di abaxadô* é menos, mais fina, fica na proa.” (E.L.A., 29 an)

‘Haste comprida e fina que serve para o moço abaixador remar a embarcação’.

Termo não dicionarizado. Lexia complexa.

CAMBITO s.m.

Transc. Graf. **Cãbitu** “[...] quando a maré tá toda chea, mergulô e boto um *cãbitu* numa parte e amarro a otra em cima. *Cãbitu, cãbitu* é um pau, um pau com uma, uma, uma assim, por exemplo, feito uns corôqi pra a redi não saí, não soltá dele. Você infinca pegano o *chũbu*, o *chũbu* da redi você infia no chã, no chã, na lama com ele guentano porque se num botá ele na ora que for marrá em cima, ele suspendi, a redi suspendi. [...] o cambueru estacava a cãboa, botava um bocado de vara de pau e largava a redi quando a maré tava toda cheia, aí o mestre com os mosu suspendia. Bota um, um *cãbitu*, um *cãbitu* é um pau com gãchu, é,

empurrava umas parte a otra, marrava em cima da vara com a tipala. Depois que suspendese todo, dexava a maré secá o que tivesse ali dentu, se fosse peixe de pulá, no caso, de taïa, ela pulava dent' da canoa [...] (J. A., 49 anos)

‘Pau com formato de gancho que serve para sustentar a rede’.

A unidade lexical *cambito* apresenta significação variada. A expressão de maior proximidade para essa denominação é “forquilha”.

O sentido de base é de origem tupi *acambi*, que deu origem a várias significações, tais como: ‘aparelho para cochar’, ‘pau para fixar algo’, ‘perna fina’, ‘forquilha’, ‘pernil’, ‘cabide’, conforme exemplos encontrados na Dissertação de Castro (1996).

VERGA s.f.

Transc. Graf. **Verga** “[...] *Os material são esse é remu, é uma ispadela, é redi, é uma verga, um pau de desocupá a canoa. Verga é aquele pau ali, onde tá aquele panu ali, aquilo é uma verga [...]*.” (Z. G. N., 40 anos)

‘Haste de madeira que serve para sustentar os panos de vela’.

MASTRO s.m.

Transc. Graf. **Mastu** “[...] *Mas, o pau que tá guentano ela, a verga, ali, chama mastu.*” (M. D., 68 anos).

‘Haste comprida e larga utilizada para a atracação da canoa.’

CUNHA s.f.

Transc. Graf. **Cũa** “[...] *a cũa é aquilo que mostrei a você naquele dia, a cũa é uma tauba da largura da canoa, bota aqui assim e todo pexi que você vai botano na canoa, você vai juntano pra qui, aí fica assim pra não pertubá o pé de bancu que tá aqui, desse lado ((mostra uma das partes da canoa que serve de assento para o ‘moço pé de banco’ sentar)). Toda canoa de redi de arrastu tem que té essa cũa, quem pesca de redi di arrastu. Já tem o lugá dela, geralmente o dono da canoa faz aquela, faz a cũa, dois pedacão de tauba aqui dentu pru pexi não espalá pela canoa toda porque se espalá não dá espaço pru pescadô trabalá den’ da canoa, pro pexi não se espalá na canoa, é o lugá reservado na canoa pra guardá o pexi. E tem tamém a istaga esse pau perto do mastu estirado aí.*” (J. A., 49 anos)

‘Tábua plana e larga que se coloca para demarcar o local onde deve ficar o pescado na canoa’.

É uma lexia simples e as acepções encontradas nos dicionários consultados não correspondem ao sentido adotado pelos pescadores da comunidade de Baiacu.

ESPICHA s.f.

Transc. Graf. **Ispicha** “[...] *o que eu cunhesu por **ispicha** aqui é pra botá em traqueti, em traquetera, aquela vara que abre o panu [...]*”(J. A., 49 anos)

‘Haste ponteaguda, comprida e fina reservada para manter o pano da embarcação firme no momento da ventania’.

Aproxima-se da idéia de instrumento ponteagudo, que serve para introduzir algo. O sentido de base é de origem incerta. Dos dicionários consultados, encontra-se registro dessa denominação apenas em Corominas (1954), a partir do lema esp. *espiche*.

PAU DE CALÃO sintagma nominal

Transc. Graf. **Pau di calãw** “*Tem a corda, tem o **pau di calãw** que ahenti amarra uma ponta na otra. Na canoa é mastru, é verga, é ispadela, a vela pra inficá a canoa. Tem a vela na canoa [...]. Agora já na redi é o **pau di calãw**, essa é otra parte, já é otra pescaria, já é otra arte porque tem várias arte. Tem a tañera, tem a redi de camarãw, tem a redi di arrastu*” (A.F.P.C., 41 anos).

‘Haste que serve para auxiliar o pescador na hora da pescaria, geralmente é fixado à rede’.

Lexia complexa não dicionarizada. De acordo com a abonação, a expressão *pau de calão* refere-se a uma madeira de dois metros, aproximadamente, que serve para sustentar a rede de arrasto. Para os pescadores, a lexia complexa *pau de calão* é representada a partir da idéia de ‘sustentáculo’ de rede.

ESPADELA s.f

Transc. Graf. **Ispadela** “*Ispadela é uma tauba que nós bota no meio da canoa pra canoa vim, andá pra frente porque sem a **ispadela**, ela não vai andá, você qué vim pra Baia’cu, você tá naquela ponta de mangue lá, você qué vim embora pra Baia’cu se não tivé **ispadela** ou você vem a remu ou você nunca chega se você não tivé uma **ispadela**. Ou você tem que remá ou do contraru você nunca chega, só vai embora pra lá e pra cá que o vento vai levano se não tem uma coisa pra guentá, se não tem uma **ispadela** pra guentá.[...] **ispadela** é um pedasu de tauba, todo que tem canoa tem a obrigação de té [...] é o mermo caso dessa cuia aí, precisa sempre de cuia, se eu não tivé uma cuia não pode disgotá a canoa, não pode tirá a água de dent’da canoa, NE [...]*” (M.D., 68 anos).

‘Armação de madeira trabalhada, geralmente de longo comprimento, e que serve para suporte da embarcação “canoa”, no momento de velejar e de outros serviços’.

A lexia *espadela* deriva do lat. **spathella*, por *spathŭla*, conforme Cunha (1999, p. 321). O sentido da unidade lexical *espadela* é expresso pelos pescadores de modo distinto do que se encontra dicionarizado.

VARA DE ESPIA sintagma nominal

Transc. Graf. **Vara di espia** “[...] *a vara di ispia é mais alta e grossa, guenta a canoa no meio. E a vara de abaxadô é menos, mais fina, fica na proa.*” (E.L.A., 29 anos)

‘Haste de madeira de comprimento longo, em que se apóia o mastro da canoa’.

Lexia complexa não dicionarizada.

ESTAGA s. f.

Transc. Graf. **Istaga** “[...] *E tem tamém a istaga esse pau pertu do mastu estirado aí.*” (J. A., 49 anos)

‘Haste específica para auxiliar a canoa no momento de saída ao mar. Serve também para a sustentação da embarcação, canoa, quando ela se encontra em alto mar.’ Nesse caso, trata-se de um tipo de ancoradouro.

MORÃO s.m.

Transc. Graf. **Morãw** “[...] *pra botá a redi é só inficá uma vara [...]estica na bera do morãw, amarra a otra ponta do morãw e vai levano ela com a vara de gãchu[...]que só servi pra botá o tapasteru no chão.Fica igual o câbitu, aquele pau com um gãchu. Ahenti que é pescadô intendi disso*” (C.C.G., 32 anos)

‘Haste de madeira cuja função é atar a embarcação logo que ela chega ao porto, para que não venha a se desviar’.

Na significação do contexto, passa a ter a significação de ‘estaca de pau que serve para sustentar a embarcação para que esta não venha à deriva’.

VARA DE GANCHO sintagma nominal

Transc. Graf. **Vara di gãchu** “[...] *vara di gãchu servi pra botá o tapasteru no chão. Ahenti usa tamém, as veiz ahenti pede pra Careca* ((codinome de um dos pescadores que trabalha também no conserto de

canoa e outros instrumentos relacionados à pescaria)) *cunsertá cum a maceta, aquele pedaciu de pau que ele estopa.*” (A.S.M., 64 anos)

‘Haste que auxilia a rede a se manter estirada sobre o chão’.

Termo não dicionarizado. Lexia complexa.

TENDAR s.m.

Transc. Graf. **Tendá** [...] *tendá é esses pau aí pra istendé as redi, pra enxugá a redi. Se ficá sem os tendá faz falta porque vai botá a redi no chão, quem não tem tendá bota a redi no chão, porque cada tendá tem um dono . Agora, oje, acabó os tendá do Baia’cu porque só quem tem mermo ele aí compreto é mestre Moreno, o de Baím tem a metade, o povo acaba, pega pra queimá, pra fazê pau do gô. Depende do tamãiu da redi, tamém porque deve ser uns setenta de cada lado, de cada lado deve ter uns setenta furkila dessa aí. Dependeno do tamãiu da redi.*” (J.A., 49 anos).

‘Cerca feita de paus onde se coloca a rede para secar ou para costurar’.

Lexia simples não dicionarizada. De acordo com Lorenzo (1995), é o lugar onde seca a rede e começou a ser usado a partir do século XVII, precedente dos indígenas. Na Galícia, de acordo com o autor, *tendar* recebe a denominação de “secadeiro prás redes”. Pode-se inferir que o instrumento referido pelo autor coincide com o *tendar* existente em Baiacu, pois as imagens iconográficas apresentadas na análise de Lorenzo (1995) apresentam semelhança com as que se encontraram e registraram na comunidade (conferir Anexos III).

ESTOPA s.f.

Transc. Graf. **Istopa** “[...] *Você tá numa canoa, o vento tá fresco e não tem uma ispadela e tem uma istopa, aquela tauba ali,*” (J. A., 49 anos) “[...] *E tem a istopa pra ajudá a canoa*” (R. S., 70 anos)

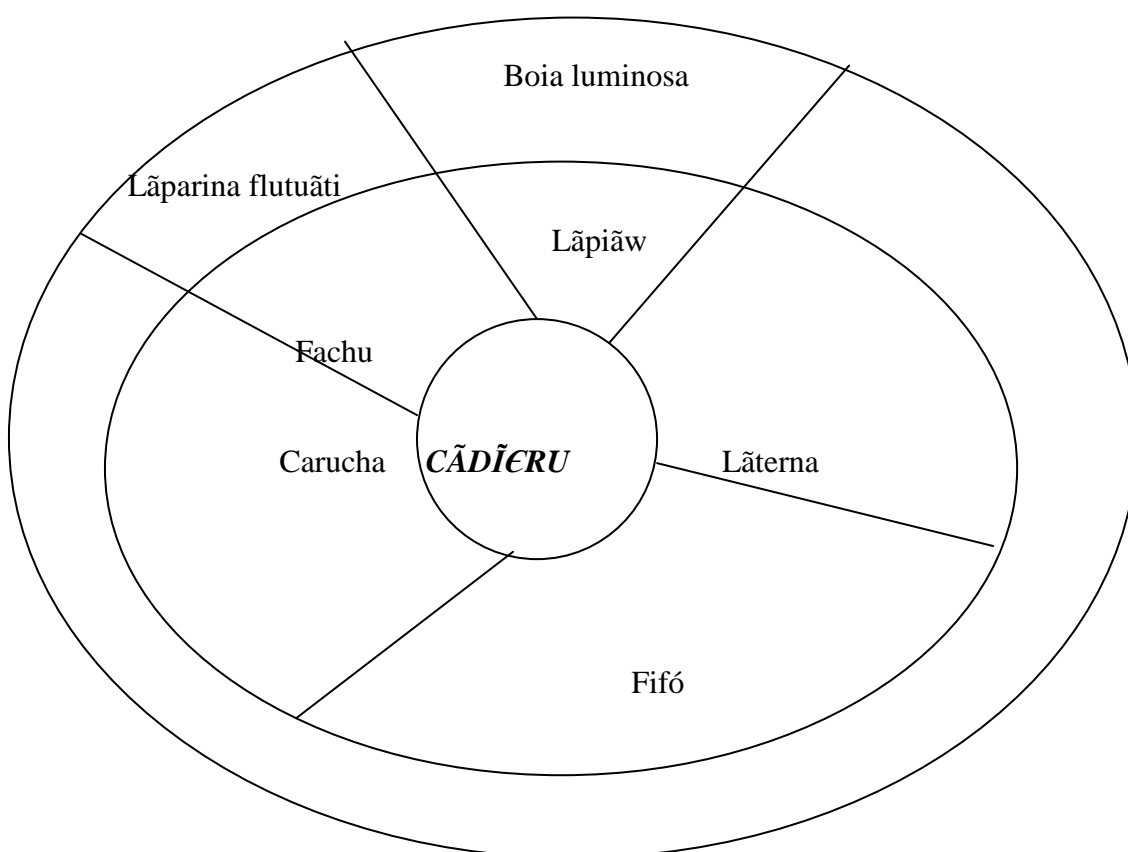
‘Haste utilizada para conduzir a canoa.’

MACETA s.f.

Transc. Graf. **Maceta** “[...] *vara de gãchu servi pra botá o tapasteru no chão. Ahenti usa tamém as veiz ahenti pede pra Careca cunsertá cum a maceta, aquele pedasu de pau que ele istopa.*” (A. S. M., 64 anos)

‘Haste de madeira e ferro para conserto de embarcações’.

6.2.3 Campo onomasiológico dos apetrechos de pesca: Microestrutura onomasiológica de CANDEEIRO



A microestrutura do campo **CANDEEIRO** faz parte, de igual modo, do campo das denominações referentes ao domínio dos **APETRECHOS DE PESCA**. Responde às questões números 15, 16, 21, 29, 39, 50, 60, 73, 83, 86 e 90 do QLS. As significações pertencentes ao conceito **CANDEEIRO** revelam-se como : *“serve pra alumιά na ora da pescaria, serve pra crariá o pexi; serve como siná pra canoa e o barco pra mostrá que tá pescano”* (JSP, 86 anos). Neste campo, as unidades lexicais *fifó* e *cãdĭeru* são os elementos

mais bem definidos, são mais representativos dessa microestrutura para entender as demais unidades. Para o conceito **CANDEEIRO**, encontram-se as unidades lexicais: *boia luminosa, candeeiro, carucha, facho, fifó, lâparina flutuãti, lâpiãw e lâterna*. A categoria de base é substantivo. Alguns termos desta microestrutura encontram-se em desuso, e outros não se encontram dicionarizados.

LAMPARINA FLUTUANTE sintagma nominal

Transc. Graf. **lâparina flutuãti** “*O cãdieru, que era fifó, lampiãw, é pra catá camarãw. A lanterna ilumeia a pesca de ressa. Agora tem a lâparina flutuãti ilumeia tudo. O barco que viê rápido num passa mais por cima da nossa redi porque vê a luz. Nós fizemo isso aí, a lâparina flutuãti, pra pudé trabalá e daí nós mostramos a alguns pescadore e foi passano de um pro otro, de um pro otro e até que deu certo. Oje quase todos tão usano, qué dizé, aqui em Baia’ku não, mas em otras zona, Itaparica, Conceição, Salinas. Tudo isso tá usano isso lâparina flutuãti. Agora porque dos barco, né. Os barco são veloz, vem de lá motorizado. Aí já vê a bóia, ele já alivea, já procurano o rumo dele [...]. A noite tem que levá essa bóia. De dia, tem que levá uma bóia daquela ((mostra o objeto)). Se não quisé pode até colocá essa na ponta. Ela dá visão, ela sinaliza a ponta da redi. Mas, se a pessoa não quisé botá essa, pode botá aquela porque de dia todo mundo vê, mas de noite não. A luz tem que tá acesa aqui dentro[...]. Aqui fica fixo, o tempo todo aceso. Lâparina, o nome dela é lâparina flutuãti [...]. A flutuãti, ahenti bota a bóia na ponta acesa com uma vela ou cãdieru den’ de uma bóia. Mas são bóia já apropiada, né. Ahenti faz, eu te lo aqui((mostra o objeto)). (J.A.G., 59 anos)*

‘Objeto que serve para iluminar o escuro e sinalizar o local onde os pescadores costumam pescar’.

Não há registro nos dicionários para a lexia composta, no caso, *lâparina flutuante*, apenas para a forma simples *lâparina*.

BÓIA LUMINOSA sintagma nominal

Transc. Graf. **Bóia luminosa** “*Os pescadore só trabala ás escura. As vez, eles gostava de acendé o cãdieru na canoa, mas você não sabia se tãa redi ou não, não sabia de nada [...]. E agora com isso aqui, ele já sabe que é uma redi. Aí diz: evém uma redi aí, boiada aí, vem com a bóia luminosa, vem acesa. Aí de cá, qualqué que seja a zuada, ahenti já faz o sinal[...]. Com ela é difíci, é. Essa bóia luminosa, com ela é difíci porque ahenti pega ela aqui, monta e cende a noite, de longe você vê, po tá lá no arto mar você vê ela. Aí já sabe que ali tem uma redi. Colocano as vela na bóia luminosa, de acordo o tempo que você vai levá no serviso [...]. Aí acende, larga e vai largá otro lãsu. Aí se viê um barco, aí de cá a bóia tá na barra vento, aí, ahenti aqui, a, a, sinaliza com a pila. Os pescadore só trabala ás escura. As vez, eles gostava de acendé o cãdieru na canoa, mas você não sabia se tãa redi ou não, não sabia de nada [...]. E agora com isso aqui, ele já sabe que é uma redi. Aí diz: evém uma rede aí, boiada aí, vem com a bóia luminosa, vem acesa. Aí de cá,*

*qualqué que seja a zuada, ahenti já faz o sinal[...]Com ela é difíci, é. Essa **bóia luminosa**, com ela é difíci porque ahenti pega ela aqui, monta e cende a noite, de longe você vê, po tá lá no arto mar você vê ela. Aí já sabe que ali tem uma redi.Colocano as vela na **bóia luminosa**, de acordo o tempo que você vai levá no servisu [...]. Aí acende, larga e vai largá otro lãsu. Aí se vié um barco, aí de cá a **bóia** tá na barra vento, aí, ahenti aqui, a, a, sinaliza com a pila.” (J. A. G., 59 anos)*

‘Objeto que serve para sinalizar’.

Denominação não dicionarizada. Sua variante é *lamparina flutuãte*. É um item lexical inovador⁸. A idéia dessa unidade lexical é transmitir sinal de aviso aos barcos e lanchas que passam próximo ao local onde os pescadores estão trabalhando.

CARUCHA s.f.

Transc. Graf. **Carucha** “É o *cãdieru*, antes era a, a **carucha**, mas oje é o *cãdieru*, o *cãdieru* mermo, mas antes era a **carucha**. É, a **carucha**, coisa da antiguidade, sabe.” (A. F. P. C., 41 anos)

‘Objeto próprio para clarear o local onde se lança a rede’.

Termo não dicionarizado. Na comunidade de Baiacu, *carucha* é uma forma em desuso, e desempenha, segundo o depoimento do Informante 09 (A.C., 41 anos), a mesma função que o termo *candeeiro*, isto é, serve para iluminar. Talvez tenha aparecido primeiro do que *facho*, *lampeão*, *fifó* e do próprio *candeeiro*. É uma lexia simples.

CANDEEIRO s.m.

Transc. Graf. **Cãdieru** “Pra crariá a pescaria?, é o *cãdieru*, o *fifó*. O *fifó* se faz de lata, faz de, de, de tampa de tubo, aí crarea. *Fifó* era antes, agora aí se chama *fifó* tamém, não, não, *cãdieru*, *cãdieru*, agora .O antigo era de lata, era *fifó* ((exibe o *candeeiro*)).E feito de petrolo mermo, petrolo, de tule, de tule de cem. Ele tira a tampa, chega na loja e manda fazé. Mas, ese aqui é uma lata, é uma maderá, bota em cima da canoa que é pro *cãdieru* num cai.Issu aqui equilibra o *cãdieru*, qualqué tombo que a canoa dé aí não cai.Aí leva um bocado de ano pra acabá[...].Quem quisé, bota o gás, o querosene, bota. Quem não qué, bota oliu, oliu diziu. Mas, de primero era *Fifó*. De primero ficava tamém na canoa lampiã, a lanterna, mas agora não tem mais não.” (M. D., 68 anos)

‘Objeto que serve para clarear no escuro’.

⁸ De acordo com o que se observou durante a pesquisa, os termos mais inovadores parecem proceder apenas de uma equipe da pesca, a do Mestre Joselito Gondim, codinome Zé Cacete.

O termo *candeeiro* expressa a idéia de iluminar alguma coisa ou lugar. É uma lexia composta. Cunha (1999, p.146) inclui o conceito *candeeiro* na entrada “candeia”.

O vocábulo apresenta variadas significações: ‘grande castiçal correspondente a um foco de luz’, ‘vela’, ‘aparelho de iluminação’, ‘festas das candeias’, ‘guia’. *Candeeiro* encontra-se em variação com o termo *fifó*, que realiza o mesmo conceito. Nesse sentido, expressa o que Guiraud (1980) denomina de “associações significantes”.

FIFÓ s.m.

Transc. Graf. **Fifó** “*Pra crariá a pescaria?, é o cãdieru, o fifó. O fifó se faz de lata, faz de, de, de tampa de tubo, aí crarea. fifó era antes, agora aí se chama fifó tamém, não, não, candiCru, agora cãdiCru. De primero era fifó. De primero ficava tamém na canoa lampiã, a lanterna, mas agora não tem mais não.*” (M. D., 68 anos)

‘Objeto que serve para iluminar o escuro’.

Apenas três dos informantes, os da faixa etária mais avançada, conservam o uso dessa lexia simples, e apenas dois dessa mesma faixa etária possuem esse objeto, a exemplo do mestre M.D. (68 anos) e o mestre J.S.P. (86 anos) (v. fotografia Anexo III). É uma lexia não dicionarizada. Parece que essa forma passou a ser preterida, dando lugar ao termo *candeeiro*, a partir da década de 90.

FACHO s.m.

Transc. Graf. **Fachu** “*É o cãdieru, antes aqui chamava de fachu, de fachu porque o pessoal gosta de fachiá. Fachiá é você tá com o fifó andano em cima da coroa, pegano siri, esse negosu aí com o cãdieru aceso de noite [...] aí sempre vem andano com o fachu na mão, fachiano pra pudé pegã*” (A. G. N., 25 anos).

‘Objeto que serve para clarear na hora da pesca’.

Cunha (1999, p. 346), propõe o étimo deste termo derivado do lat. **fascula* (de *fax*, *facis* ‘tocha’).

De acordo com o depoimento do informante 08 (AG.N. 25 anos), *facho* passa a ser uma variante de *fifó*. A.G.N. faz uso das três formas, variando sempre. Embora as formas sejam diferentes, o sentido é o mesmo: serve para iluminar, clarear o escuro na hora da pescaria, ou então, no momento em que se selecionam os pescados e/ou crustáceos.

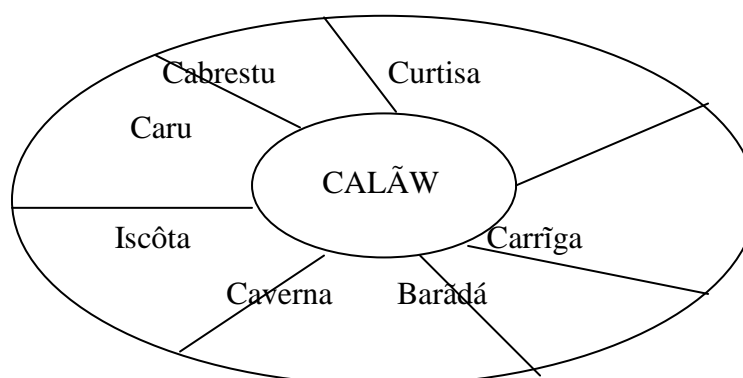
LAMPEÃO s.m.

Transc.Graf. **lãpiãw**. “O cãdieru, que era fifó, **lãpiãw**, é pra catá camarão. A lanterna ilumeia a pesca de ressa. Agora tem a lamparina flutuãte ilumeia tudo.” (J.A.G., 59 anos)

‘Objeto que serve para clarear a pescaria durante a noite’.

Termo em desuso na comunidade. É uma lexia composta. O *lampião* só passou a receber essa denominação a partir do século XIX. Antes dessa acepção, o termo já havia recebido outras. Cunha (1999, p. 464) registra a lexia *lampião* a partir da entrada “lâmpada”: “sf. ‘aparelho de iluminação’ XIII, lampaa XIV | Do lat. *lampăda*, -ae, de *lampas*, -ădis e, este, do gr. *Lampás*, -ădos ‘archote’ [...] ||lampião-peão 1813, do it. *lampione*, de *lampa*. Nascentes (1966, p. 437) registra-a como “do it. *lampione*.” Em Ferreira (1999, p.184), documenta-se como: “[...] subst. masc. Lanterna grande, portátil ou fixa em teto, etc. Plural: *lampiões* [...].” Em Houaiss (2004, p. 446) “[pl.: -ões] s.m. lanterna elétrica ou de combustível, portátil ou fixa. Aproxima-se da idéia ‘aparelho de iluminação portátil’.

6.2.4 Campo onomasiológico dos apetrechos de pesca: microestrutura onomasiológica de CORDA



Este campo responde às questões “13- Para pescar de que se necessita?”; “14- ... aquilo que se usa pra pescar?”; “15- Como funciona a pescaria?”; “16- O (a) senhor(a) pesca

com quê?"; "30- Como se chama o objeto que serve para passar por cima do transporte que serve para o senhor pescar?"; "33- Antigamente para pescar peixe se usava o quê? E hoje?"; "37- O nome disso que o pescador amarra na cintura?"; "41- O que se coloca na embarcação?"; "43- Onde se coloca a rede para secar?"; "45- O que o pescador usa para pescar?".

Para a microestrutura onomasiológica de **CORDA**, destacam-se as unidades lexicais: *barandar, cabestro, calão, caro, caverna, cortiça, carringa e escôta*.

CARRINGA s.f.

Transc. Graf. **Carríga** “[...] a corda *carríga* é redonda e aguenta o mastu da canoa. A corda *caverna* é cumprida, *guenta* a canoa pra não rachá.” (J.A.G., 59 anos)

‘Corda específica para colocar no mastro’

Lexia não dicionarizada.

CARO s.m.

Transc. Graf. **Caru** “[...] o *caru*, o *caru*, o *caru* na canoa tem, é uma cordã que marra a verga pra ela não caí. O *caru* é uma cordã que marra na cabeceá da verga, enfia no buraco da canoa, *guenta* fixe, aí chama *caru* aquilo ali. Tem *caru* e tem *escôta*, a *escôta* é o que bota no furo de trás” (J.A., 49 anos)

‘Corda que auxilia o equilíbrio da ‘verga’.

Lexia simples.

ESCÔTA s.f.

Transc. Graf. **Iscôta** “[...] a *iscôta* um pedasu de corda não muito grosso pra prendê a traqueti a canoa. Tem a *iscôta* de proa e a de popa. O iate e o saveru tamém chama de *iscôta*.” (A.S.M., 64 anos)

‘Corda que serve para prender a vela na embarcação’.

A categoria de base da lexia *escôta* é substantivo, e o sentido de base é oriundo do antigo francês *escoute*, mas derivado do gótico **skaut*, segundo Cunha (1999).

BARANDÁ s.m.

Transc. Graf. **Barãdá** . “*Ispadela é isso aqui pra ficá aqui ((Mostra a corda)), bota o panu na canoa e joga isso aqui, o barãdá, ((O mestre se coloca no centro da canoa e amarra o barandar na cintura demonstrando a técnica do equilíbrio entre a canoa, o homem e a corda em alto mar)) em vez de ela ir pra lá, ela vem pra cá. Aí bota o pano na canoa pra ela não virá, qué dizé se ela fô pra lá ela emborca. Aí bota esses barãdá, essas corda [...]É, o panu que serve pra colocá na canoa é barãdá, o barãdá, qué dizé, o pescadô fica preso dentu de uma corda, o barãdá, velejano no traqueti pra acompãá o vento. O barãdá é essa corda que aguenta a canoa” (J.S.P., 86 anos)*

‘Corda que serve para o ‘moço’ equilibrar a canoa’.

Dos dicionários pesquisados, apenas em Cunha (1999, p. 98) há o registro da unidade lexical *barandar*, como ‘aparelho que serve para equilibrar pequenas embarcações, quando há mar grosso’. De origem obscura.

É uma lexia simples. A categoria de base é o substantivo.

CABRESTO s.m.

Transc. Graf. **Cabrestu** “*Cabrestu é uma corda que marra no pau de calãw e o mosu vai puxano na frente da redi, aí chama cabrestu, num é pra animaw, não*” (J. A., 49 anos)

‘Corda própria para rede de calão’.

Lexia composta. Conforme Cunha (1999, p. 132) a sua origem é do lat. *Capistrum*. A categoria básica é o substantivo.

CALÃO⁹ s.m.

Transc. Graf. **Calãw** “[...] antes prevalecia calãw, puxá de corda, oje é xãgô e [...] (J. S.. P., 86 anos) [...] pra pegá o xãgô usa a corda calãw.” (E. L. A.. 29 anos)

‘Corda que serve para ser utilizada na pesca de rede de calão’.

A lexia *calão* é uma adaptação do castelhano ‘caló’, seu sentido de base. Cunha (1999), Ferreira (1999) e Houaiss (2004) (conferir análise na microestrutura onomasiológica de *rede*) apresentam a denominação *calão*, dentre outras significações, empregando-a enquanto ‘gíria’, ‘preguiçoso’, ‘ocioso’ ou ‘vasilhame’, traços que revelam afastamento com a

⁹ Unidade lexical também analisada na microestrutura onomasiológica de *rede* com significação distinta, e demonstra que uma forma pode ter várias significações.

significação atribuída pelos pescadores. É uma outra forma que também revela extensão semântica.

CORTIÇA s.f.

CORDA DE CORTIÇA sintagma nominal

Transc. Graf. **Curtisa** “[...] a *curtisa* é pra boiá a redi, guentá a redi e sem a corda a redi não vai pro chão, não marisca” (A.S.M., 64 anos); “[...] a *corda di curtisa* tem que sé levi porque bota na parti de cima da redi pra botá as curtisa.” (F.S., 21 anos)

‘Corda em cujas bordas são dispostas formas em círculo de isopor, cuja função é auxiliar a rede para que ela venha à tona’.

O sentido de base é oriundo do latim *cortex*, *-īcis*. Lexia simples, é uma forma regular. Cunha (1999, p. 220) designa-a como:

Sm. ‘(Biol.) camada externa de todos os órgãos animais ou vegetais, de estrutura mais ou menos concêntrica’ 1899. Do lat. *cortex* *-īcis* ‘casca, invólucro, cortiça’ || corcha sf. ‘casca de árvore, cortiça’ XVI. Do cast. corcha, de corcho || corcho sm. ‘vaso de cortiça’ 1881. Do cast. corcho, deriv. do dialeto moçárabe e, este, do lat. *cōrtex*- *īcis* || cortiça sf. ‘casca de sobreiro e de outras árvores.

CORDA CAVERNA sintagma nominal

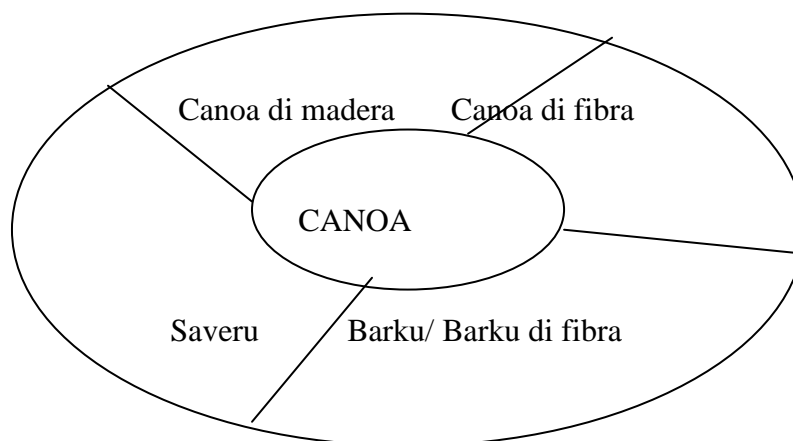
Transc. Graf. **Corda caverna** “[...] a *corda carringa* é redonda e aguenta o mastu da canoa. A *corda caverna* é cumprida, guenta a canoa pra não rachá.” (J.A.G., 59 anos)

‘Corda específica para sustentar a canoa no momento em que ela se encontra para consertar’.

Nos dicionários, são apresentadas diferentes significações para a lexia simples *caverna*.

Sendo assim, observa-se que as relações que unem as unidades lexicais dessa microestrutura onomasiológica, das sete denominações, todas se encontram dicionarizadas, entretanto, apenas duas apresentam sentido semelhante ao que se usa em Baiacu, a exemplo de *barandar* e *escôta*.

6.2.5 Campo onomasiológico dos apetrechos de pesca: microestrutura onomasiológica de EMBARCAÇÃO



Este campo remonta às questões “13- Para pescar de que se necessita?”; “14- Aquilo que se usa pra pescar?”; “15- Como funciona a pescaria?”; “16- O (a) senhor (a) pesca com quê?”; “31- Como se chama o transporte que serve para poder pescar?”; “34- Na pescaria precisa-se de quê?”; “45- O que o pescador usa para pescar?”; “70- Onde pescam os pescadores?”.

Os pescadores valorizam os substantivos para explicar o que compõe o conceito **EMBARCAÇÃO**, que se realiza através de lexias simples, compostas e complexas: *barco/barco de fibra, canoa, canoa de fibra, canoa de madeira e saveiro*.

CANOA s.f.

Transc. Graf. **Canoa** “A maioria é *canoa*, aqui, *canoas di fibra, barku di fibra, ahenti chama aqui, e canoa di madeira como essa* ((Exibe uma canoa de madeira, e aponta para várias outras))...A diferença entre a *canoa* e o *barku* é isso... a questão da arte e o lugar onde fica porque aqui é contra-costa, é solta, o vento aqui é brando, aqui é...a água não bole assim de vez, né.” (O. C., 72 anos)

‘Embarcação que funciona como principal transporte para se pescar’.

A *canoa* é uma pequena embarcação leve, a remo, de formas finas com popa, parte traseira da canoa e era tradicionalmente preferida para os passageiros importantes. Na

comunidade de Baiacu, quem fica na popa da canoa, *moço popeiro*, é também conhecido pela metáfora conceitual *o coronel do mar*, porque faz referência ao domínio de comando da navegação. Lexia simples, apresenta como variante a expressão “canoa de madeira”.

Canoa é também uma das lexias de maior ocorrência pelos pescadores. Cunha (1999, p.148) registra como origem o cast. *canoa*, derivado do aruaque

CANOA DE MADEIRA sintagma nominal

Transc.Graf. **Canoa di maderá.** “A maioria é canoa, aqui, *canoas di fibra, barku di fibra, ahenti chama aqui, e canoa di maderá como essa* ((Exibe uma canoa de madeira, e aponta para várias outras))... *A diferença entre a canoa e o barku é isso...a questão da arte e o lugá onde fica porque aqui é contra-costa, é solta, o vento aqui é brando, aqui é...a água não bole assim de vez, né.*” (O. C., 72 anos)

‘Embarcação própria para transportar os pescadores ao mar’.

Lexia complexa não dicionarizada. Variante de *canoa de pau* ou, da forma simples e de uso habitual, o monotemático *canoa*.

CANOA DE FIBRA sintagma nominal

Transc.Graf. **Canoa di fibra** “A maioria é canoa, aqui, *canoas di fibra, barku di fibra, ahenti chama aqui, e canoa di maderá como essa* ((Exibe uma canoa de madeira, e aponta para várias outras))... *A diferença entre a canoa e o barcu é isso...a questão da arte e o lugá onde fica porque aqui é contra-costa, é solta, o vento aqui é brando, aqui é...a água não bole assim de vez, né.*” (O. C., 72 anos)

‘Embarcação que serve para transportar pescadores para o labor da pesca’.

Não se encontrou registro para a lexia *canoa de fibra* nos dicionários pesquisados. O uso do termo é recente para registrar o pequeno barco de fibra, variante, diferenciando-se da denominação *canoa de madeira*. Apenas uma equipe possui este tipo de embarcação, a equipe do INF.03 (J.A.G., 59 anos).

BARCO s.m.

BARCO DE FIBRA sintagma nominal

Transc.Graf. **Barku** “A maioria é canoa, aqui, *canoas de fibra, barku di fibra, ahenti chama aqui, e canoa de madeira como essa* [...]. *A diferença entre a canoa e o barku é isso...a questão da arte e o lugá onde fica porque aqui é contra-costa, é solta, o vento aqui é brando, aqui é...a água não bole assim de vez, né.*” (O. C., 72 anos)

‘Embarcação própria para conduzir os pescadores para mares mais profundos’.

Termo utilizado a partir da década de noventa, quando uma das equipes (a do INF.03 J.A.G., 59 anos) de pesca promoveu a inserção dessa embarcação no ambiente do serviço pesqueiro. Encontra-se designado por Cunha (1999, p. 99) com a significação de ‘tipo de embarcação’. Do lat. tard. *barca*, ‘qualquer construção destinada a navegar sobre a água’.

SAVEIRO s.m.

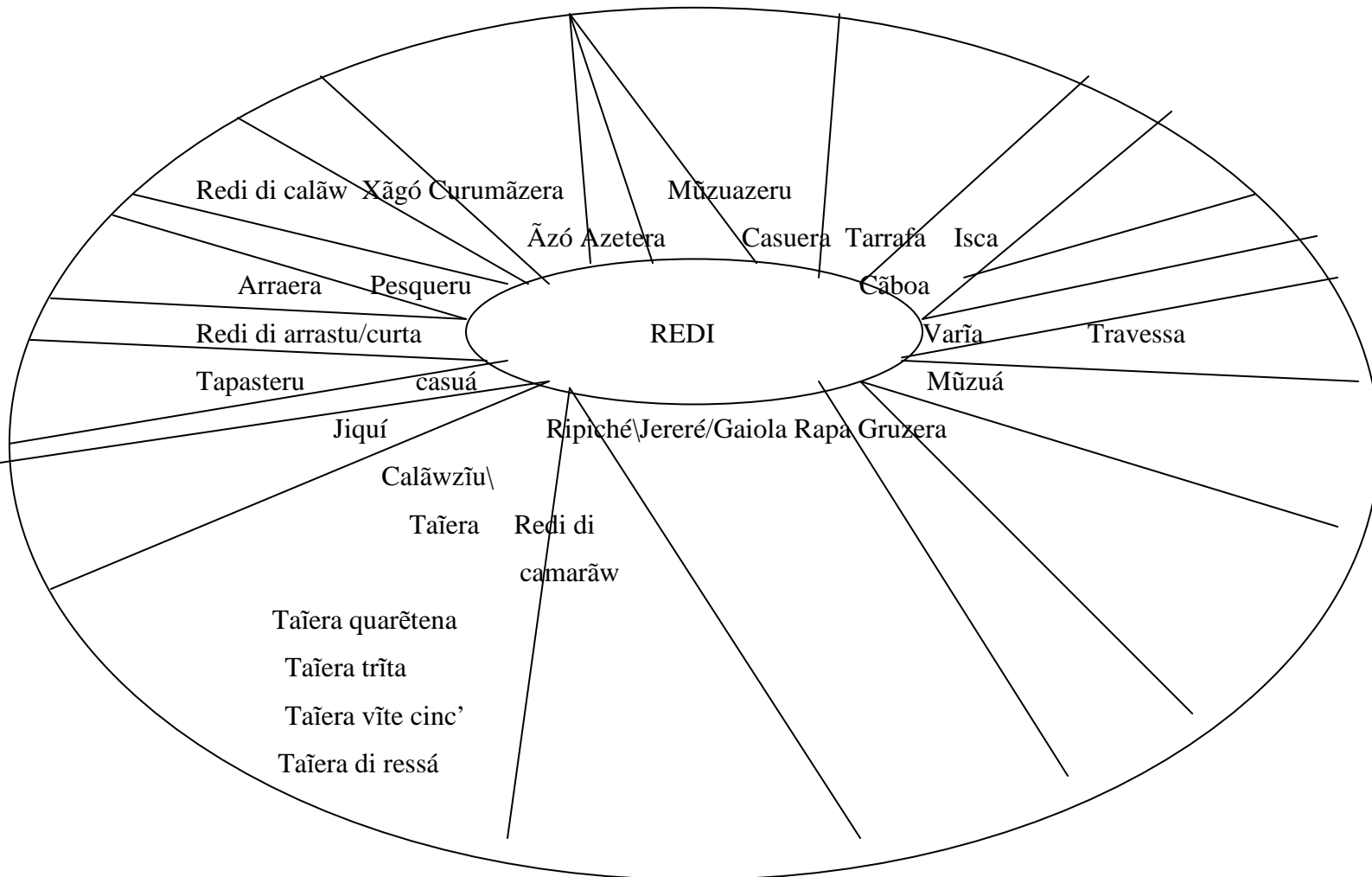
Transc. Graf. **Saveru**. “[...] *pro geleru que gelava pexi pra zelá, chamava compradô, pra ele era sofrêdo porque na época viajava de saveru, travessia de Baia’cu passava em Itaparica até Salvadô. E era o saveru Ema, o Índio, o de Pena e o de Leleco. Mas, viajava mais pô terra de animaw.*” (J.S.P., 86 anos)

‘Embarcação que servia para transportar os negociantes do pescado e as mercadorias para serem comercializadas em outros locais’.

A lexia *saveiro* tem sentido de base de origem céltica, de acordo com Cunha (1999). Termo em desuso na comunidade. O elemento sêmico de maior proximidade é ‘barco’. *Saveiro* era um tipo de embarcação que servia especificamente para conduzir os compradores do pescado e fazer a travessia entre a Ilha de Itaparica, Maragogipinho, Nazaré até chegar a Salvador. Em Baiacu, havia algumas denominações para os três *saveiros* existentes naquela época na comunidade: *Saveiro de Pena* ou *Saveiro de Leleco*, *Saveiro Ema* e *Saveiro Índio*. Eram assim denominadas, por se tratarem de referência aos nomes dos donos ou a alguma característica dessa embarcação.

O sentido de base da denominação *barco* é de origem hispânica; *canoa*, do aruaque, e *saveiro*, de origem céltica. Das cinco lexias, três se encontram dicionarizadas e as mesmas apresentam sentidos semelhantes aos de base; são elas: *barco*, *canoa*, *saveiro*. Esse último se encontra em desuso na comunidade. As não dicionarizadas são: *canoa de fibra* e *canoa de madeira*.

6.2.6 Campo onomasiológico dos apetrechos de pesca: microestrutura onomasiológica de INSTRUMENTOS DE CAPTURA



Este campo responde as questões números “13- Para pescar de que se necessita?””14- “Aquilo que se usa pra pescar?”; “15- Como funciona a pescaria?”; “16- O (a) senhor(a) pesca com quê?”; “26-... o material que serve para pegar os peixes?”; “27- Como se chama aquilo que atrai os peixes?”; “30- Como se chama o objeto que serve para passar por cima da embarcação?”; “33- Antigamente para pescar peixe se usava o quê? E hoje?”; - “Como é que se chama àquilo que serve para chamar os peixes?”; “41- O que se coloca na embarcação?”; “67- No passado, pescavam diferente aqui?”.

A microestrutura onomasiológica de **INSTRUMENTOS DE CAPTURA** revela que os pescadores utilizam substantivos para se referir ao conceito **CAPTURA**, apresentando as seguintes unidades lexicais: *anzol, caçoá/rapa, isca, jiquí, munzuá, pesqueiro, rede, repiché/gaiola/jereré, tarrafa, arraiera, arrasto, azeiteira, caçoeira, calão, calãozinho, camboa, curumanzeira, groseira, rede, rede de camarão, tainheira, tainheira de ressar, tapasteiro, tarrafa, travessa, xangô e vara/varinha*. São lexias simples, compostas e complexas e expressam significações concretas. A categoria é o substantivo. Todas as denominações que encobrem o conceito *rede* recebem a expressão *rede de*¹⁰, e em seguida, a sua caracterização.

REDE s.f.

Transc. Graf. **Redi** “[...] *A pescaria é de cálculos e de aventura. Na ora que vai pescá, ele vai e aventura, vê se ali tem pexi, se tá na ora, ele aí joga a redi pra vé, né, pra aventurá.*” (O. C., 72 anos). “*Nós temos todas essas redi aqui em nosso podé. Tem diferença entre elas, cada um padrão de mala pega um tipo de pexi. É porque a mala grande vai pegá o pex maió, certo, vai pegá o pexi mais resistente. E a mala fina ai pegá o pexi menos, mais fraco, o pexi menos.*” (J. A. G., 59 anos)

‘Instrumento de captura trançado de linha, que serve para aprisionar o pescado.’

XANGÓ s.m.

Transc. Graf. **Xãgó** “[...] *curumãzera só pegava pexi graúdo era sororoca, curimã, carapeba, cavala, só pegava pexi grandi. E pra pegá pexi piqueno é a redi di xãgó. E a curumãzera é pra pegá pexi grandi[...]*” (J. A. G., 49 anos)

‘Rede que serve para pescar peixe minúsculo’.

¹⁰ Optou-se por não se colocar antes de cada expressão designativa que encobre o conceito *rede* a expressão *rede de* por economia de espaço no campo. Deseja-se, contudo, que o leitor compreenda que *ressar* equivale à *rede de ressar*; *calão*, *rede de calão*, e assim sucessivamente.

O item lexical *xangó* denomina uma espécie de rede para pescar especificamente um peixe minúsculo e bastante comum na comunidade, o *xangó*, conhecido em outras localidades, e em Salvador através da denominação *pititinga*. Na comunidade de Baiacu, *pititinga* é variante da lexia *xangó*. O nome reservado ao peixe serve de referência, para a denominação *rede*, forma reduzida de *rede de xangó*. Trata-se de uma estrutura semasiologicamente metonímica, pois se usa uma entidade para se referir a outra que é relacionada a ela. O uso constante do termo *pititinga* tornou-o variante da expressão *xangó*. Assim como a denominação *rapa*, também a lexia *pititinga* demonstra a influência de fatores externos na composição do vocabulário dos pescadores, os quais podem ter sido influenciados pelos contextos pragmáticos.

Na comunidade de Baiacu, o *xangó* é pescado em qualquer época do ano sendo que, no verão, a sua captura é de maior frequência. Ressalta-se, contudo, que a *rede de xangó* serve, também, para a pesca de outros peixes.

Xangó é uma lexia simples não dicionarizada.

TARRAFA s.f.

Transc. Graf. **Tarrafa** “A *tarrafa* é um tipo de *redi curta* com *chübada*, o *chübu* pra aprofundá a *redi* ao *redó*, e jogá em cima do *pexi*.” (J. A. G., 59 anos)

‘Rede composta de chumbos nas bordas e própria para fisgar peixes’.

De sentido de base de origem árabe ‘*tarrāhâ*’, a lexia simples *tarrafa* tem sua origem no século XV e, de acordo com Cunha (1999, p.756), designa sf. ‘Tipo de rede de pescar’ | XV. Do ár. hisp. e magrebino *tarrāhâ*’. No dicionário de Ferreira (1999, p.1929) é registrada como: ‘[...] sf. Rede de pesca, circular, com chumbo nas bordas, e ao centro de uma corda que permite retirá-la fechada da água [...]’. Significação parecida a essa se encontra em Houaiss (2004, p.708) ‘sf. rede de pesca circular, com peso nas bordas’. Nascentes (1966, p. 716) designa-a na mesma ordem que Cunha (1999): “Do ár. hispânico e magrebino *tarrāhâ* ‘rede arrojadiça’”. No TermNav (1964, p. 560), liga a palavra também ao árabe “Do ár. hispânico e magrebi *tarraha*, derivado de T.r.h.<<arrojar>>”.

De acordo com Lorenzo (1995, p. 40), o instrumento *tarrafa* é considerado como ‘aparelho de pesca, arte de cerco pra pesca de sardiña’.

Na comunidade, a unidade lexical *tarrafa* apresenta a idéia de ‘rede feita especificamente para colher peixes’, não se especifica qual espécie de pescado.

Observa-se que o vocábulo *tarrafa* mantém similaridade com o sentido de base, a partir da proximidade expressa pelo sema ‘rede’.

CAÇOEIRA s.f.

Transc. Graf. **Casuera** “*As otra redi que ahenti utiliza aqui tem diversas marca. Ahenti tem aqui ((Mostra as redes. J.A.G. é o único pescador que tem todos os tipos de rede, pesca com dois barcos, e canoas de fibra. Pesca apenas com os filhos)), nós temos casuera, temos taïera quarenta, temos taïera trinta, e taïera vint’cinco, e temos a vinti. Nós temos todas essas redi aqui em nosso podé. Tem diferença entre elas, cada um padrãw de mala pega um tipo de pexi .É porque a mala grandi vai pegá o pexi maior, certo, vai pegá o pexi mais resistenti. E a mala fina vai pegá o pexi menos, mais fraco, o pexi menos. Ai vai padronizano o pexi de acordo que o pexi crece. Ahenti com a vint’cinco ahenti pega o camarãw de coice, pega sardãa, pega taïa, diversos. A casuera, nós pegamos a curimã, pega o rubalo, o pãpo, carapeba, tá entendeno, e pegamos sãbuio. Diversas marca que dê no padrão dela pra não passá, ela segura, ela segura.*” (J. A. G., 59 anos)

‘Rede que serve para pegar diversos peixes’.

Lexia proveniente da categoria de base substantivo. Oriunda do latim **captiāre* (cláss. *captāre*)’. Dos dicionários pesquisados, apenas em Cunha (1999, p.132) encontra-se registro da lexia *caçoeira*, a partir do verbo “caçar”.

REDE DE ARRASTO sintagma nominal

REDE DE ARRASTÁ sintagma nominal

REDE CURTA sintagma nominal

Transc. Graf. **Redi di Arrastu** “*Cada qual tem a sua equipe, no caso, ãa redi di arrastu. Ele pesca, tem ãa equipe de seis, seti mosu. E ãa redi di arrastá de camarãw é quatu mosu, não precisa mais quatu. Já essa redi grandi é seis, sete mosu. Cada equipi trabala com ãa redi [...]. O calãw era de fio. No lugá de calãw ficó a redi de nalo. Agora, é a redi di arrastu que pega camarãw, masãbê, pescada, xãgô. A taïera só pega mermo é pexi grande, taïa, bague, o pexi todo ela pãa. Bateu ali, ficó*” (M. D., 68 anos); *Oje, o calãw ainda existe ainda, mas só que o pessoal usó o calãw só tá pescano mais na redi di arrastu mermo, redi curta chama redi curta, é. Redi curta é a redi di arrastu é menó que o calãw, porque a redi de calãw toma o lãsu todo.*” (O.C., 72 anos)

‘Rede cuja função é a de pescar camarão e peixes variados’.

O sentido de base dessa lexia é proveniente do latim *rāstrum*, *-ī*, segundo Cunha (1999, p.70; 664).

A lexia *arrasto* passou a ser utilizada entre os pescadores em substituição à forma *calão*, e apresenta algumas variantes lexicais, a exemplo de *rede curta*. Cabe ressaltar que,

para a denominação *caçoeira*, Cunha (1999, p. 132) demonstra, ao explicar o étimo dessa lexia, que ela é um substantivo feminino de *rede de arrasto*, no século XX.

Nas artes e aparelhos de pesca empregados na Galícia, encontram-se também denominações com classificações idênticas quanto às formas encontradas em Baiacu, a exemplo de *tarrafa*, que é igual para português e o galego e diferente para o castelhano; e “*arte de arrasto*”, iguais em todas as três línguas.

GROSEIRA s.f.

Transc. Graf. **grusera**. “*Tem o camarãw, grusera, arraera pra pegá arraia, casuera, tem a redi di arrastu. Casuera é redi de fundo porque a(?) ela lá e vem pra caza pra no otro dia vim corré, pegá rubalo, bague, pescada, todo tipo de pexi.*” (O. C., 72 anos)

‘Rede utilizada para a pesca de peixes’.

Lexia composta não dicionarizada.

CALÃO s.m.

Transc. Graf. **Calãw** “*Oje, o calãw ainda existe ainda, mas só que o pessoal num pesca mais cum o calãw só tá pescano mais na redi de arrastu mermo, redi curta chama redi curta, é. Redi curta é a redi di arrastu é menó que o calãw, porque a redi di calãw toma o lãsu todo. O calãw é a merma redi de fundo, é a merma coisa, mas é maió né. O calãw é uma redi que cerca que arrea aqui uma ponta e sai cercano [...] calãw é redi di fundo, como ahenti diz aqui, redi di arrastu é quase a merma coisa, a deferensa só de tamão.*” (O.C., 72 anos)

‘Rede existente na comunidade até os anos 70’.

Uma arte de pesca que esteve em voga na comunidade, mas que hoje desapareceu totalmente, é a chamada *rede de calão* “redi que sirvia pra pescá azetera, redi de abalo”, conforme conceitua mestre J.S.P (86 anos). A unidade lexical *calão* é substituído pela expressão *rede de arrasto*.

Pelo étimo proposto por Cunha (1999), a lexia *calão* é datada do século XIX, de origem tamulmalaiala. *Calão* foi introduzido na língua com a adaptação do termo *caló*.

As significações registradas pelos lexicógrafos são diferentes das que se encontram entre os pescadores da comunidade de Baiacu.

CALÃOZINHO s.m.

Transc. Graf. **Calãwzĩu** “[...]aumentó o nímro de pescadô e as arti mũyto mais. Calãw mermo tĩa, não tem mais; redi de arrastu sempre tevi; xãgô tevi e tem. **Calãwzĩu** que chamava **calãwzĩu**, oje é tañera que tem mais quãtidade que não tĩa antigamente. Creceu mũyto mais a pescaria, a arti. O trabalho era o mermo, antigamente até mais, era mais trabalho porque a redi naquela época era de fio, né, nós botava na tinta, tirava, istendia. Oje em dia, não, oje em dia, istendi mũyto poco desse aí, a maió parte não istendi. A saúde dela, da redi de arrastu é essa aí, den’ d’água, depois tira pra cuidhá, né, atá, chama atá, consertá. A de fio não guentava, não. Aí é porque é não guenta, né. Entãõ, ela gosta frieza, naõo gosta de frieza[...].” (R.S., 70 anos); “**Calãwzĩu** era redi di azetera, oje é redi vin’cinco que é o mesmo **calãwzĩu** de antigamente” (J.A.G., 59 anos)

‘Rede utilizada para a pesca de tainha e demais pescados’.

Lexia composta não dicionarizada. Termo substituído pelas denominações *tainheira* ou *rede vinte e cinco*. *Calãozinho* era, anteriormente, a denominação de *rede de azeiteira*.

CAMBOA s.f.

Transc. Graf. **Cãboa** “[...] tĩa no passado a arti de pescaria, no caso, a **cãboa**. Tĩa a pescaria de calãw. Oje não tem mais. [...] A **cãboa** e o calãw que acabó no Baia’cu, e trevessa, um lance que chamava trevessa, tapava a trevessa. Esses três aí cabó. São lance, pescaria que cabó, no lugá deles não ficó nĩũ, nĩguém arrastu [...] Antigamente tĩa **cãboa**, oje acabó. Tĩa **cãboa** de redi, de fio. Oje, se nego qué fazé ùa **cãboa** tem que botá tañera, mas não é ãgual como era antigamente com, de fio porque oje é, é com a curtiça a menos, passa pela berĩa do mangue. E antigamente destacava, né, botava aquela vara toda, depois tirava a redi quando a maré tava toda cheia istendia e aí era a **cãboa**. A **cãboa** certa era aquela. Oje não tem mais não. **Cãboa** é um tipo de redi, um tipo de pescaria[...].” (J.A., 49 anos)

‘Rede própria para a pesca de tainha’.

A prática de pesca conhecida com a *camboa* encontra-se em desuso; em seu lugar, os pescadores fazem uso da arte de rede *tainheira*. Lexia cuja categoria básica é o substantivo, e seu sentido de base é de origem incerta. Em Baiacu, para os pescadores, a denominação *camboa* não implica identidade com o significado proposto no dicionário de Cunha (1999).

AZEITEIRA s.f.

Transc. Graf. **Azetera** “**Calãwzĩõ** era redi di **azetera**, oje é redi vin’cinco que é o mesmo **calãwzĩõ** de antigamente.” (J. A. G., 59 anos)

‘Rede utilizada antigamente para pesca de tainhas’.

Termo não dicionarizado. Apresenta as variantes *calãozũ* e *redi vin'cinco*.

CURIMANZEIRA s.m.

Transc. Graf. **Curumãzera** "[...]tã no passado a arte de pescaria, no caso, a camboa. Tã a pescaria de calãw. Oje não tem mais. **Curumãzera** tã e tem, nem todo mundo pesca, só se soubé que tem curimã no má pra pudé saí pra pescá; o calãozõ, a redi de pexi pra maiá, oje, acabó aquela arte, oje, é taïera. Só são essas mermo. A camboa e o calãw que acabó no Baia'cu, e trevessa, um lance que chamava trevessa, tapava a e trevessa. Esses três aí cabó. São lãce, pescaria que cabó, no lugar deles não ficó nũ, nĩguém.[...] **curumãzera** só pegava pexi graúdo era sororoca, curimã, carapeba, cavala, só pegava pexi grande. E pra pegá pexi piqueno é a redi de xãgô. E a **curumãzera** é pra pegá pexi grande[...]" (J. A. 49 anos).

‘Rede utilizada pelos pescadores e específica para pescar ‘peixes graúdos’.

A lexia composta *curimanzeira* é derivada de *curimã*, expressão que se encontra registrada apenas no dicionário de Cunha (1999, p. 235) como ‘variedade de tainha’.

ARRAIERA s.f.

Transc. Graf. **arraera** “Tem o camarãw, grusera, **arraera** pra pegá arraia, casuera, tem a redi di arrastu. Casuera é redi de fundo porque a(?) ela lá e vem pra caza pra no outro dia vim corré, pegá rubalo, bague, pescada, todo tipo de pexi.” (O. C., 72 anos)

‘Rede específica para a captura de arraia’.

Lexia composta, não dicionarizada, derivada de “raia” (CUNHA, 1999, p. 69; 661).

REDE DE CAMARÃO sintagma nominal

Transc. Graf. **Redi di camarãw** “Cada qual tem a sua equipe, no caso, ãa redi de arrastu. Ele pesca, tem ãa equipe de seis, seti mosu. E ãa **redi di arrastá di camarãw** é quatu mosu, não precisa mais quatu. Já essa redi grandi é seis, seti mosu. Cada equipi trabała com ãa redi[...].” (M.D., 68 anos)

‘Rede das mais comuns na comunidade de Baiacu, específica para pesca de xangó e massambê’.

Nos dicionários pesquisados não se encontra registro da lexia composta *rede de camarão*, forma reduzida da expressão *rede de camarão de arrastá*. Antes, os pescadores faziam uso da denominação *calãozinho*, a qual passou a ser substituída por ‘*rede de camarão*’.

TAPASTEIRO s.m.

Transc. Graf. **Tapasteru** “[...] *o pesqueru servi pra pescá taĩa e otros pexi, até siri. Faz assim bota morãw no pesqueru pra cercá com trinta, quarenta vara de lado de fora; do lado de den’ é vint’seti. Depois, enche de gaio de mãgue vermelho, mas pode sé mãgi branco, de butãw, acaraiãba. Mãgue vermelho é melhô porque chera. São duas roda ãa, e depois, mei’ metro, otra. Coloca ãas trinta pedra embaxo da redi que ahenti chama de **tapasteru**, redi de balá, tranca toda teza e amarra lá incima pra não descê cum a maré e, e isperá a maré secá pra pegá a taĩa. São duas redi pra o pesqueru, uma taïera, e um **tapasteru**.” (C. C. G., 32 anos)*

‘Rede própria para pesca de tainha, é utilizada principalmente no ambiente denominado *pesqueiro*’.

Termo não dicionarizado. Lexia composta, e se refere a mais um instrumento de pesca. Tem como variante a denominação *balá*.

PESQUEIRO s.m.

Transc. Graf. s.m. **Pesqueru** “*Os pesqueru é umas vara infincada na coroa. Eles vein com um bocado de gaia de mangue e bota ali, quando ele dápra botá aquilo com cambito, porque eles tão dano pra botá até com arame. Intão, ali, uma taïeira vai cercá e num sabe, aí se pega toda, se lasca toda.*” (C. P. N., 66 anos) “*O pesqueru é um bocado de gaio de mangue que ahenti bota den’do pesqueru, pra infincá no pesqueru, o pexi aí fica ali. Aí o pessoal vai ecerca com taïera, aí bala e o pexi não sai, aí pronto.*” (Z. G. N., 40 anos)

‘Instrumento feito de estaca de pau de morão, de formato circular, constando, ao seu redor, de redes, e de folhas de mangue, no interior do círculo. Utilizado especificamente para a pesca de tainhas.’

TAINHEIRA s.f.

Transc. Graf. **Taïera**. “[...] *tem a taïera pra camarãw, tem a taïera pra pexi, tem a redi de camarãw.*” (C. P. N., 66 anos); “*As otra redi que ahenti utiliza aqui tem diversas marca. Ahenti tem aqui ((Mostra as redes. J.A.G. é o único pescador que tem todos os tipos de rede, pesca com dois barcos, e canoas de fibra. Pesca apenas com os filhos)), nós temos casuera, temos taïera quarenta, temos taïera trinta, e taïera vint’cinco, e temos a vinte. Nós temos todas essas redi aqui em nosso podé. Tem diferença entre elas, cada um padrãw de mala pega um tipo de pexi. É porque a mala grande vai pegá o pexi maió, certo, vai pegá o pexi mais resistente. E a mala fina vai pegá o pexi menos, mais fraco, o pexi menos. Ai vai padronizano o pexi de acordo que o pexi crece. Ahenti com a vint’cinco, ahenti pega o camarãw de coice, pega sardãia, pega taĩa, diversos. A casuera, nós pegamos a curimã, pega mais resistente. E a mala fina vai pegá o pexi menos, mais fraco, o pexi menos. Ai vai padronizano o pexi de acordo que o pexi crece. Ahenti com a vint’cinco, ahenti pega*”

o camarãw de coice, pega sardã, pega taã, diversos. A casuera, nós pegamos a curimã, pega o rubalo, o pãpo, carapeba, tá entendeno, e pegamos sãbuio. Diversas marca que dê no padrão dela pra não passá, ela segura, ela segura.” (J. A. G., 59 anos)

‘Rede utilizada especificamente para pesca de tainha e camarão’.

Lexia composta não dicionarizada. Tornou-se, em Baiacu, variante das expressões *tainheira de rressá, tainheira vinte e cinco, tainheira trinta, tainheira quarenta*.

Observa-se que a rede *tainheira* serve para pescar camarão, como não se a faria prever. A lexia *tainheira* é derivada de *tainha*, um tipo de peixe teleósteo, do “gr. *tagēnías* ‘bom para fugir’”, de acordo com Cunha (1999, p. 750).

TAINHEIRA DE RESSAR sintagma nominal

Transc. Graf. **Taãera di Rressá** “[...] *Já a taãera di rressá, você larga, a maré tá vazano. Larga, qué dizé, não é largá, pegá assim e jogá fora, a redi, não. Você larga a ponta da redi e vai remano, ela vai saino por si, a redi, né. Aí quando vai terminá de largá a redi e a redi saí você segura a ponta, dependeno tamém do vento, você sigura numa ponta e marra a, no fundo da canoa, a maré vai andano com a redi e o que for bateno ali vai ficano. É isso que se chama rressá. Eu rresso na insiada pra camarãw, e eles vão lá pro caná pra rressá pexi grande, mas não é diferenti.*” (J.A., 49 anos); “*A redi di rressá pega pexi grandi é a redi casuera, trabalha rressano, andano lentamente*” (J.O.M., 34 anos)

‘Rede de pescar camarão e peixe’.

Lexia complexa não dicionarizada. Tem como variante *rede de caçoeira*.

JIQUI s.m.

Transc. Graf. **Jiqui** “[...] *o jiqui serve pra pegá morea que só dá no Mãgue. É feito de piassava e sãbãbaia e de tala. Parece uma manila, pode faze de tela, de tubo. Parece um barriw que carregava água antigamente, é estreito, tem uma boca apertada.*” (R. S., 70 anos)

‘Intrumento comprido, de curva plana e alongada, empregado para pescar peixes como mirim, moréia, e servir como *container* para iscas.’

ANZOL s.m.

Transc. Grf. **Ãzó** “[...] *pega o peixe com redi, azó, tem isca, outro tipo de pexi ou camarãw pra atraí o pexi, O pessoal daqui pesca de redi mermo.*” (L. A. S., 34 anos)

‘Pequeno gancho utilizado para colocar iscas, como peixes pequenos, a fim de fisgar pescados maiores’.

ISCA s.f.

Transc. Graf. **Isca** “[...] pega o pexi com redi, anzol, tem **isca**, outro tipo de pexi ou camarãw pra atraí o pexi. O pessoal daqui pesca de redi mermo.” (L. A. S., 34 anos)

‘Peixe pequeno, ou então, instrumento metálico, que serve para fisgar o pescado’

CAÇUÁ s.m.

Tranc. Graf. **Casuá** “De primero era caxoti, cesta, **casuá** prapegá siri, era naquela época feito de cipó, balaiu. Tem mais de vinte anos que acabo o cofo, balaiu, **casuá**, cesta balaio. Oje leva baldi ou saco plástico pra trazê o quiãw. De primeiro, trazia na parte de remu quem não tãa cesta.” (J. S. P., 86 anos)

‘Instrumento de captura utilizado para pesca de siris’

GAIOLA s.f.

Transc. Graf. **Gaiola** “[...] a arte aqui pra ensiná a pescá já foi de dote porque quando eu comecei cum oito ano, eu comecei a pescá siri, pescava siri de lã, pescava siri na mão, pescava siri na lama de, com a, com a, com o pauzũ pasano na lama, na. Depois eu aprendi que o siri, elebota os olo de fora com uma, uma, com as antena que ele tem pra pesquisá o que aparece. Aí, eu ficava olano já não precisava mais daquela varãa pra tocá, só chegava, via ele já levava a mão certa. Quando ele istremecia já estava pegado. Agora, no rio, ahenti botava a lã e pegava de rpicé, entendeu? Mas tem tamém a **gaiola** que pega siri.” (J. A. G., 59 anos)

‘Instrumento de captura de siri’

RAPA s.m

Transc. Graf. **Rapa** “[...] **Rapa** é feito de redi, é quadrado e no m’tem uma lã, e amarra as isca e suspendi, vem quinze a vinti siri. O **rapa** é tipo um jereré, antigo ripiché, não precisa jogá lã, já fica nele mermo, é menos cansativo. O jereré joga lã pra depois corre pó baxu.” (F. S., 21 anos)

‘Instrumento de captura utilizado para pesca de siri’

MUNZUÁ s.m.

Transc. Graf. **Mũzuá** “[...] Eles não vendi esses pexão ou do contraru eles ajunta aqueles tanto, baldes e baldes e junta pra fazê isca de **mũzuá**, pra pegá siri.”

‘Instrumento de captura que serve para pescar peixes pequenos e siris’

REPICHÉ s.m.

Transc. Graf. **Ripiché**. “[...] **Rapa** é feito de redi, é quadrado e no m’tem uma lã, e amarra as isca e suspendi, vem quinze a vinti siri. O **rapa** é tipo um jereré, antigo **ripiché** não precisa jogá lã, já fica nele

mermo, é menos cansativo. O jereré joga lã pra depois corre pó baxu.” (F. S., 21 anos). “Só a mulé usa ripiché que é o mermo jereré pra pegá siri.” (J. A., 49 anos)

‘Instrumento de captura que serve para pescar siri’

JERERÉ s.m.

Transc. Graf. **Jeréré** “[...] Rapa é feito de redi, é quadrado e num tem uma lã, e amarra as isca e suspendi, vem quinze a vinti siri. O rapa é tipo um **jeréré**, antigo ripiché não precisa jogá lã, já fica nele mermo, é menos cansativo. O **jeréré** joga lã pra depois corre pó baxu.” (F. S., 21 anos).

‘Instrumento de captura que seve para pescar siri’

VARINHA s.f.

Transc. Graf. **Varia** “[...] a arte aqui pra ensiná a pescá já foi de dote porque quando eu comecei de oito ano, eu comecei a pescá siri, pescava siri de lã, pescava siri na mão, pescava siri na lama de, com a, com a, com o pauzũ pasano na lama, na. Depois eu aprendi que o siri, elebota os olo de fora com uma, uma, com as antena que ele tem pra pesquisá o que aparece. Aí, eu ficava olano já não precisava mais daquela **varia** pra tocá, só chegava, via ele já levava a mão certa. Quando ele istremecia já estava pegado. Agora, no rio, ahenti botava a lã e pegava de rpicé, entendeu? Mas tem tamém a gaiola que pega siri.” (J. A. G., 59 anos)

‘Instrumento de captura, tipo de estaca fina, que serve para pegar siri’

PAUZINHO s.m.

Transc. Graf. **Pauzũ**. “[...] a arte aqui pra ensiná a pescá já foi de dote porque quando eu comecei de oito ano, eu comecei a pescá siri, pescava siri de lã, pescava siri na mão, pescava siri na lama de, com a, com a, com o **pauzũ** pasano na lama, na. Depois eu aprendi que o siri, elebota os olo de fora com uma, uma, com as antena que ele tem pra pesquisá o que aparece. Aí, eu ficava olano já não precisava mais daquela **varia** pra tocá, só chegava, via ele já levava a mão certa. Quando ele istremecia já estava pegado. Agora, no rio, ahenti botava a lã e pegava de ripiché, entendeu? Mas tem tamém a gaiola que pega siri.” (J. A. G., 59 anos)

‘Pequeno pau empregado na captura de siri’.

TRAVESSA s.f.

Transc. Graf. **Travessa** [...] A pesca **travessa** infica três vara do lado da insiada e mais três vara quando a maré tivé alta e circula cum a redi e quando baxa a maré, vai puxá a redi.(J.A.G., 59 anos)

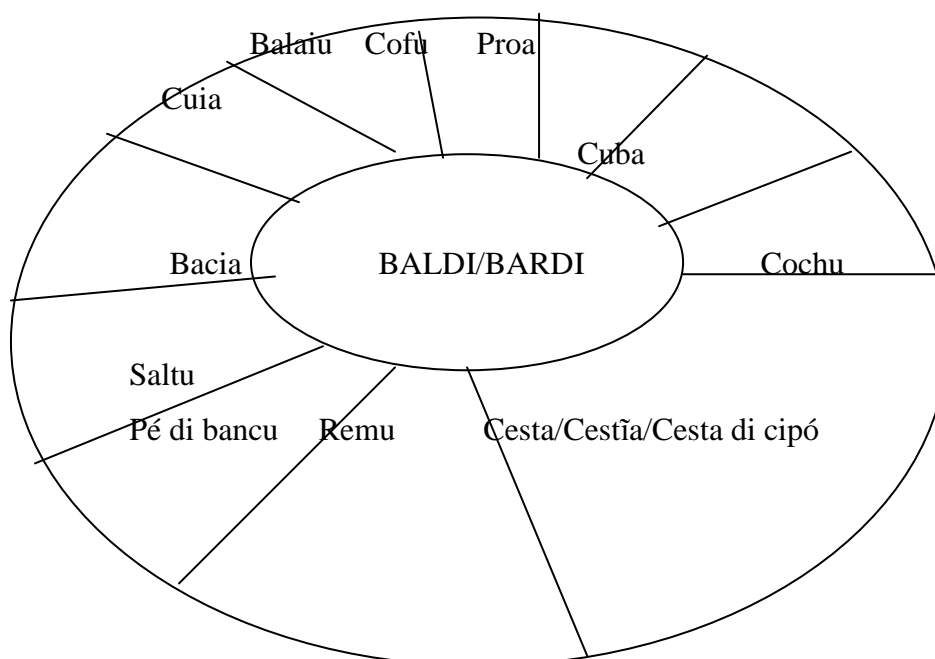
‘Rede circulada por varas’.

A análise das unidades lexicais da microestrutura onomasiológica de *Instrumentos de captura* demonstra que algumas denominações não se encontram dicionarizadas, a exemplo

de *arraiera*, *azeiteira*, *calãozinho*, *curimanzeira*, *groseira*, *rede de camarão*, *tainheira*, *tainheira de ressar*, *tapasteiro*, *treve* e *xangó*.

O sentido de base é oriundo do latim, para os exemplos: *arrasto* e *caçoeira*; e de origem tamumalaia, *calão*; de origem árabe, *tarrafa*; e de origem incerta, *camboa*.

6.2.7 Campo onomasiológico dos apetrechos de pesca: microestrutura onomasiológica de RECIPIENTE/VASILHA



Este campo corresponde às questões “17- Existe um lugar onde se coloca o peixe?”; “25-... o objeto em que se coloca o peixe?”; “41- O que se coloca na embarcação?”; “75- Onde é que ficam os peixes?”

Tratando das denominações para o conceito **RECIPIENTE**, o pescador recorre aos substantivos, a fim de particularizá-lo. Foram encontradas as seguintes lexias: *bacia, balaio, balde, cesta//cesta de cipó, cocho, cofo, cuba, cuia, pé de banco, proa, remo e salto*. São lexias compostas, complexas e simples.

CUBA s. f.

Transc. Graf. **Cuba** “[...] *cesta, balaiu, bacia, cuba dependeno da quantidade que você pãá o pexi, você coloca nessas vasilha. As muleres pegava antes de bacia, levava pra casa, oje é mais baldi.*” (L. A. S., 34 anos); “*De primero era caxoti grandi, cuba, cesta, casuá, era naquela época feito de cipó, balaiu. Tem mais de vinti anos que acabó o cofu, balaiu, casuá, cesta, balaiu. Oje, leva baldi ou sacu plásticu pra trazé o quĩãw. De primero, trazia na parti de remu quem não tãa cesta*” (J. S. P., 86 anos)

‘Recipiente próprio para transportar peixes’.

O termo apresenta mudança quanto à forma, do latim *cūpa*, para o português *cuba*. Mudança da bilabial surda para a sonora. É considerado na comunidade como recipiente para transporte de algo, no caso, o pescado.

CUIA s.f.

Transc. Graf. **Cuia** “[...] *Antigamente a cuia era de madeira. Agora, oje em dia é que passó a ser com isso aqui, de fibra* ((Mostra a cuia com água, pois no momento o pescador encontra-se lavando e, ao mesmo tempo, retirando água de dentro da embarcação)). *Ela serve pra disvaziá a água da canoa e tirá o quĩã do pexi parece uma cabeça de côco.*” (L. A. S., 34 anos)

‘Recipiente tipo pequeno vasilhame de forma oval, formato de capacete, feito antigamente da cesta de cueira, para tirar a água da canoa ou para colocar o pescado’.

A origem dessa lexia é o tupi *kuya*, de acordo com Cunha (1999, p. 232).

PÉ DE BANCO sintagma nominal

Transc. Graf. **Pé di bancu** “[...] *ahenti joga o pexi aí tamém no pé di bancu, joga, joga aí no pé di bancu [...]*” (J. A., 49 anos)

‘Recipiente que faz parte de uma das subdivisões da canoa que serve para colocar o pescado, e lugar reservado ao assento do ‘moço pé de banco’.

Lexia complexa. Termo não dicionarizado. Apresenta significações distintas presentes em dois campos: o da microestrutura de **MOÇO**, e o da microestrutura de **RECIPIENTE**.
Pé de banco dá origem a outra significação, a de ‘assento’.

PROA s.f.

Transc. Graf. **Proa** “*Ah, o lugá do pexi?, ahenti bota o pexi primero na proa, assim que termina de puxá a redi.*” (E. M., 32 anos)

‘Local onde se depositam os peixes e camarões após cada *lance de pescaria*.’

Outra unidade lexical que apresenta mais de uma significação é a lexia *proa*. Além de caracterizar uma das partes específicas da embarcação, onde se encontra, geralmente, o *moço abaixador*, indica o recipiente onde se colocam os pescados, assim que eles são retirados da rede. Contudo, a idéia central permanece: ‘local reservado para pôr algo ou alguém’.

REMO s.m.

Transc. Graf. **Remu** “*E os mosu tem a obrigação pra comprá uma cesta. Oje num tá se usano nem cesta é remu, porque quem, quem pega o remu pra botá o pexi no remu, é onde ahenti bota o pexi e quem não tem as veiz compra aqueles barde piquenu pra botá o pexi no barde pra levá pra caza.*” (C. P. N., 66 anos)

‘Instrumento de madeira utilizado para dois fins: manejar a canoa, e como recipiente para colocar o peixe’.

De acordo com Costa Neto (2001), os pescadores do Recôncavo utilizavam-se, dentre outros apetrechos, de remos feitos por eles mesmos a partir de árvores, como o jenipapeiro, o cunduru e o landi e, recentemente, pesquisadores lidando com o conhecimento popular de pescadores tradicionais também registraram o emprego de recursos vegetais nas atividades de pesca.

Lexia simples e a categoria básica é o substantivo. O *remo* é um instrumento característico de pesca¹¹, e está presente nas mais diversas sociedades de pescadores artesanais. Também, na comunidade de Baiacu, o *remo* era feito de árvores, como o

¹¹Em alguns locais visitados pela pesquisadora do presente trabalho, a exemplo da Praia de Itapoã, em Salvador, da Praia de Cumbuco, em Ceará, e da Praia Ponta Verde, de Maceió, por curiosidade e cunho investigativo, a pesquisadora através de conversas informais com os pescadores daquelas localidades obteve a informação de que o uso de remo era nulo nas duas últimas praias, e uma raridade, na primeira praia.

jenipapeiro. No Brasil, um dos primeiros a mencionar o uso de plantas de valor pesqueiro foi Gabriel Soares de Souza em sua obra “Tratado descritivo do Brasil”, em 1587. Na Galícia, conforme se encontra registrado nos estudos de Lorenzo (1995, p. 24), a lexia *remo* é uma denominação para ‘couce ou bota de couce’.

Observa-se que a lexia *remo* pertence a dois domínios: o da pesca e o do esporte, o que possibilita a extensão e a relação de novos campos.

SALTO s.m

Transc. Graf. **Saltu** “[...]o *pexi* vem decenu e vai pro *saltu*, esse *saltu* é tipo uma chave que fica no meio da camboa, o *pexi* só vai pra li, pra den’ do *saltu*[...] o *saltu* é aonde tá o *pexi* todo porque o *pexi* só vai pra den’ do *saltu*. Então, é tipo um *cofu*, eles entra den’ dali, mas pra saí, não pode saí mais[...].Aí tá na ora de eles tirare o *pexi* do *saltu* pra pudé levá pra vendê” (J. A., 49 anos)

‘Lugar parecido com uma armação em formato circular, onde ficam os peixes capturados’ (v. imagem fotográfica do campo onomasiológico de ‘agulha’ em que o pescador desenha um círculo para explicar a denominação ‘salto’).

Lexia simples. Cunha (1999, p.701) oferece a definição e o étimo da entrada *salto* a partir do verbo *saltar*.

COFO s.m.

Transc. Graf. **Cofu** “[...] antigamente existia o *cofu*, servia pra levá pra pescá, botá mercadoria dentu, o *pexi* den’do *cofu*, ta entendeno, e traze o *quião* pra caza” (M. D., 68 anos). “[...] O *cofu* é *sãbãbaia*, seu Carlos tem um *bocado*, ali chegano no paero dele você vê logo. O *cofu* é *sãbãbaia* mermo, um *cipó* que chama *sãbãbaia* [...]” (J. A., 49 anos)

‘Recipiente que serve para colocar o produto da pesca ou para guardar as agulhas, as linhas, as facas, entre outros materiais reservados à costura de rede’.

BALAIIO s.m.

Transc. Graf. **Balaiu** “Aquele ali pode sé um *cofo*, pode sé uma *cesta*, a *cestã*, um *balaiu* pra guardá as *aguła*, a *lã*.” (O. C., 72 anos)

‘Recipiente próprio para depositar peixe e outros objetos de pesca’.

BACIA s.f.

Transc. Graf. **Bacia** “[...] *cesta*, *balaiu*, *cuba* dependeno da quantidade qeu você *pãa* o *pexi*, você coloca nessas *vasiła*. As *muleres* pegava antes de *bacia*, levava pra casa, oje á mais *baldi*”. (L.A.S., 34 anos)

‘Recipiente de formato circular de alumínio ou plástico, próprio para uso variado’

BALDE s.m.

Transc. Graf. **Baldi, Bardi** “*Eles não vendi esses pexũ ou do contrario eles ajunta aqueles tanto, baldis e baldis e junta pra fazé isca de mũzazeru, pra pegá siri.*” (J. A., 49 anos). “*Oje num tá se usano nem cesta é remu, porque quem, quem pega o remu pra bota o pexi no remu e que não tem as veiz compra aqueles bardi piquenu pra bot’o pexi no bardi pra levá pra caza.*” (C. P. N., 66 anos).

‘Recipiente utilizado para se colocar o pescado’.

CAIXOTE s.m.

Transc. Graf. **Caxoti** “[...] *tãa o caxoti, compra o gelo no mercado e trazia cuberto de pó de serra, incaxotava o pexi, quebrava o gelo e jogava por cima*” (J. A., 49 anos).

‘Recipiente onde se colocava o peixe para congelar’.

COCHO s.m.

Transc. Graf. **Cochu** “*De primero tãa o cochu, o geleru, era de maderu ou de tijolo, botava uma camada de gelo e outra de pexi e colocava uma fola e pau de serra.*” (M. D., 68 anos).

‘Recipiente utilizado para congelar o pescado’.

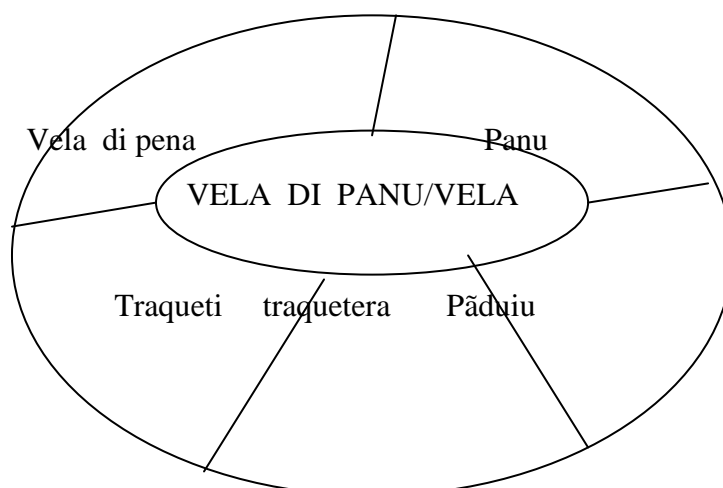
CESTA s.f.

Transc. Graf. **Cesta** “[...] *usava cofu ou cesta, um dos dois, ah, e a bacia tamém na ora de botá pexi. O cofu tem a boca pra tampá, e a cesta não tem boca, as veiz botava pexi, mas é mais pra guardá lã, faca, agula, essas coisa, [...]*” (J. A., 49 anos)

‘Recipiente específico onde se colocam os instrumentos que são utilizados para a costura de rede’.

Verifica-se que a microestrutura onomasiológica de **RECIPIENTE** apresenta denominações cujos sentidos de base provêm do latim, a exemplo de: *bacia, caixote, cuba, proa, remo, saco, salto*; ora, do francês, *balaio*; de origem controversa, *balde, cocho*; do grego, *cesta*; do árabe, *cofo*; e do tupi, *cuia*. A categoria de base de parte significativa das denominações é o substantivo. Das unidades lexicais, apenas *pé de banco* não se encontra dicionarizada. As que apresentam acepções diferentes das dicionarizadas são *proa, pé de banco e salto*. São consideradas em desuso, em Baiacu: *cofo, balaio, cuba, cocho*.

6.2.9 Campo onomasiológico dos apetrechos de pesca: microestrutura onomasiológica de **VELA**



Este campo corresponde às questões “14- Aquilo que se usa pra pescar?”; “19-... o pano que serve para colocar sobre a embarcação?”; “... o pano que serve para colocar sobre o transporte que serve para poder pescar?”; “30- Como se chama o objeto que serve para passar por cima do transporte que serve para o senhor pescar?”; “33- Antigamente para pescar peixe se usava o quê? E hoje?”; “34- Na pescaria precisa-se de quê?”; “40- O que é que serve para lavar a embarcação?”; “41- O que se coloca na embarcação?”.

Em face do conceito **VELA**, que corresponde ao objeto que serve para auxiliar a canoa, no momento em que ela se encontra em velejo, são as unidades lexicais *panduió*, *pano*, *traquete*, *traqueteira*, *vela de pano* e *vela de pena*, que correspondem a lexias simples, compostas e complexas.

PANDUIO s.m.

Transc.Graf. **Pãduiu.** “*O mastu serve de, de, como é, pra puxá a verga pra pudê tesá. Ele é que faz o equilibu no fundo da embarcasãw, é que assigura o panu. Ali tem caro(?), tem escôta, tem o pãduiu, esse panu esticado nesse pau, tá veno.O caru, no caso de vela di pena, a ponta da pena, da, da verga tem uma corda, e essa corda puxa, entendeu? Você puxa pra pudê chegá pra bera da embarcasãw pra pudê alinhá pra pudê ela saí pro vento*” (J. A. G., 59 anos)

‘Espécie de pano estendido em uma vara’.

Lexia simples não dicionarizada.

O *panduió* é um termo usado também na localidade de Acupe¹² que, antes da introdução do chumbo na confecção de artefatos de pesca naquela comunidade, se fazia uso de *panduió*, pequeno pedaço de pano costurado em forma de s.

Nas iconografias da pesca de Galícia, presentes na obra de Lorenzo (1995), alguns apetrechos apresentam traços semelhantes aos que se encontram na comunidade de Baiacu, a exemplo de *panduió*, *jiqui* e *pesqueiro*, embora as formas e as funções sejam distintas. A lexia *panduió*, por exemplo, na Galícia recebe a denominação de *nasa*, de acordo com Lorenzo (1995, p. 110).

TRAQUETE s.m.

Transc.Graf.**Traqueti** “*O tipo de panu no meio da canoa é traquetera e vela di pena; uma é quadrado, o traqueti é quadrado; e o otro é triângulo.Eles serve pra viajá com o vento, a vela e o traqueti. A canoa que usa traqueti não usa vela, a que usa vela não usa traqueti ((Mostra a canoa com a vela)).[...]Tem o traqueti de proa e tem o do meio que é maió, a do meio é maió, varia com o tamãiu da canoa de acordo tamém o vento porque com o vento troca o maió pelo menó e bota um, somente um na proa, no meio, no meio pra não naufragá, isso aí é recurso.*” (O.C., 72 anos)

‘Espécie de pano de forma triangular que serve para colocar na embarcação e ajudá-la a velejar’.

Lexia composta, e tem seu sentido de base de origem controversa. Dos dicionários pesquisados, apenas em Cunha (1999) encontra-se registro da lexia *traquete*. Cunha (1999, p.784) oferece o seguinte: “sm. a vela redonda que enverga na verga mais baixa do mastro de proa XV. Adapt. do a. fr. triquet (hoje trinquet), deriv. do it. trinchétto) de origem incerta.”

¹² Comunidade pesqueira da região do Recôncavo baiano.

PANO s.m.

Transc.Graf. **Panu** “[...]Aí bota o **panu** na canoa pra ela não virá , qué dizé, se ela fô pra lá ela emborca. Aí bota esses barãdá, essas corda.[...]É, o **panu** que serve pra colocá na canoa é barãdá, o barãdá. É o **panu** que serve pra colocá na canoa é barãdá[...]. Tã o traqueti, tã o **panu** maió, o **panu** maió.” (J. S.P., 86 anos)

‘Espécie de tecido, em forma retangular ou quadrado, usado para auxiliar na navegação’.

A sua origem é latina: *pānnus*, -ī’. A lexia simples é registrada em Cunha (1999, p. 577), como ‘qualquer tecido ou fazenda’.

TRAQUETEIRA s.f.

Transc. Graf. **Traquetera** “Precisa de um remu, de panu, **traquetera**, no caso, **traquetera**, duas **traquetera** e uma ispadela a canoa, claro. **Traquetera** é o panu, porque tem dois tipo de panu, o de pena botaro o nome de pena e tem a **traquetera** que é de dois pau[...] vela de pena é pra canoa grande e a **traquetera** é pra canoa pequena, canoa grande tamém usa, mas é difícil.” (M.D., 68 anos)

‘Espécie de pano que serve para auxiliar a embarcação no momento de velejar’.

Lexia composta não dicionarizada, derivada de *traquete*.

VELA DE PANO sintagma nominal

Transc. Graf. **Vela di panu** “[...]vela di panu é tipo um triângulo” (C.C.G., 32 anos)

‘Espécie de pano que serve para colocar sobre a embarcação, contribuindo para o velejamento’.

A unidade lexical *vela de pano* ou simplesmente *vela* é derivada do fr. *voile*, ‘véu’, ‘vela’. Lexia complexa. Os dicionários pesquisados registram apenas a entrada *vela*. Assim, encontra-se em Cunha (1999, p. 813; 819).

No Dicionário TermNav (PICO, 1964, p.179), encontra-se o registro seguinte: “Do lat. *vela*, pl.de *velum* <vela de navio>”. Mais adiante, especificamente na página 180, a autora informa que as abonações para o termo *vela* encontram-se, também, em sentido figurado por navio.

VELA DE PENA sintagma nominal

Transc. Graf. **Vela di pena** “[...] *Esse é o traqueti, é o chamado traqueti* ((Mostra um pano cujo formato é de um quadrado)). *E tem a vela di pena. Vela di pena é aquele panu que ele é triangulá. E esses* ((Mostra vários traquetes)) *são quadrado, isso é, um quadro. E a vela di pena ele é triangulá, ele é um triângulo mesma coisa assim* ((Mostra a vela de pena)). *Quem usa o traqueti não pode usá vela di pena porque a vela di pena ela depende de mastru com uma verga. E o traqueti são dois tamém é um mastru e uma ispicha. E esse traqueti e a vela di pena é um mastru e uma verga. É diferente nome de um pro otro.*” (J. A. G., 59 anos)

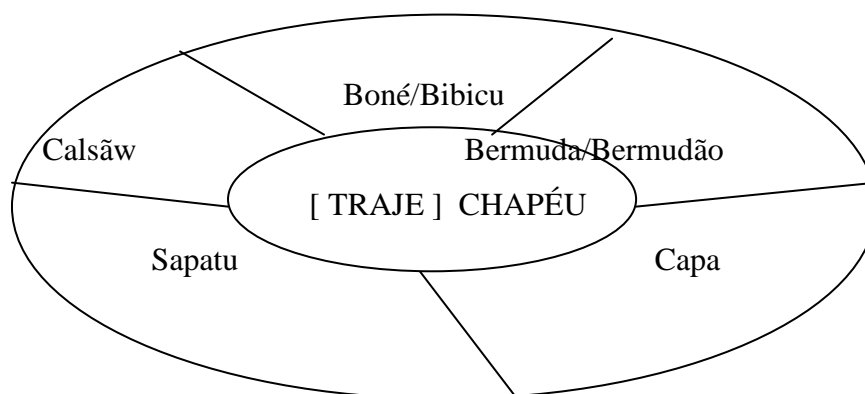
‘Espécie de pano disposto sobre a embarcação que serve para impeli-la junto com o vento’.

Vela de pena é uma lexia complexa, sem registro nos dicionários pesquisados. Em ‘Embarcações do recôncavo: um estudo de origens’, de Agostinho (1973, p. 9; 13), encontra-se uma descrição para o termo *vela de pena* como tipo de saveiro:

[...] embarcações miúdas, com proa relativamente baixa e pouco tosada, boca aberta, bancadas e um pequeno castelo de proa, situado abaixo do nível da borda[...]. Esse tipo único é o do saveiro ‘de pesca’, também conhecido como ‘vela de pena’. Além da pesca e das corridas, ele serve ao desembarque nas praias, e no transporte de pequenas cargas no interior da baía [...] os bastardos, ou ‘velas de pena’, ocorrem em canoas e nos saveiros de pesca, que, por isso mesmo, são também chamados ‘de vela de pena’[...].

Os pescadores da comunidade de Baiacu, entretanto, denominam a lexia *vela de pena* como uma espécie de pano de lona que auxilia a embarcação a navegar, diferentemente do conceito atribuído por Agostinho (1973).

6.2.10 Campo onomasiológico dos apetrechos de pesca: microestrutura onomasiológica de **TRAJE DE PESCADOR**



Este campo corresponde às questões “13- Para pescar de que se necessita?”; “14- Aquilo que se usa pra pescar?”; “16- O (a) senhor (a) pesca com quê?”; “33- Antigamente para pescar peixe se usava o quê? E hoje?”; “45- O que o pescador usa para pescar?”; “67- No passado, pescavam diferente aqui?”; “79- ... a roupa que o pescador usa para pescar?”; “80- ... o calçado que serve para proteger os pés dos perigos do mar?”; “81- ...o objeto que o pescador usa na cabeça para proteger-se do sol?”; “82- Para o pescador se proteger da chuva, usa o quê?”; “83- O objeto plástico, comprido que o pescador usa quando está chovendo é....”.

O conceito para os trajes usados pelo homem do mar se verifica através das unidades lexicais: *bermuda/bermudão, boné/bibicu, capa, calção, chapéu e sapato*.

CALÇÃO s.m.

Transc. Graf. **Calsãw** “Pra protejé do sereno, chuva, sol tem henti que usa sapatu, capa, eu uso meu *calsãw* piqueno azul, os minino jovi usa bemuda, bermudão[...].” (A. G., 46 anos)

‘Traje de uso comum entre os pescadores, semelhante a um short’.

Lexia composta. Em Cunha (1999, p.139), *calção* é apresentado a partir da entrada *Calça*.

BERMUDA s.f.

Transc. Graf. **Bermuda**. " *Pra protejé do sereno, chuva, sol tem henti que usa sapatu, capa, eu uso meu calsãw, os minino jovi usa bermuda, bermudão[...].*" (C. G., 46 anos)

‘Traje semelhante à calça curta’.

Lexia simples cujo sentido de base de origem inglesa, para Cunha (1999, p. 107).

CHAPÉU s.m.

Transc. Graf. **Chapéu** “*Pra protejé do sereno, chuva, sol tem henti que usa sapatu, capa, eu uso meu calsãw, os minino jovi usa bemuda, bermudão. Pescu sem camisa e num tiro meu bibicu por nada. Naquele tempo era chapéu de pala, mas agora é boné, esse meu bibicu aqui ((mostra o boné)).*” (C. G., 46 anos)

‘Objeto feito de palha de coqueiro para proteger a cabeça do pescador do sol e da chuva na hora da pescaria’.

Entre os pescadores, o uso do objeto *chapéu* é raro. Apenas dois dos, aproximadamente, trezentos pescadores fazem uso da peça, sendo substituído por *boné* ou *bibico*.

BONÉ s.m.

Transc. Graf. **Boné** “*Pra protejé do sereno, chuva, sol tem henti que usa sapatu, capa, eu uso meu calsãw piqueno azul, os minino jovi usa bemuda, bermudão. Eu pescu sem camisa e num tiro meu bibicu por nada. Naquele tempo, era chapéu de pala, mas agora é boné, esse meu bibicu aqui ((mostra o boné)).*” (A. G., 46 anos)

‘Objeto feito de tecido ou material sintético, usado sobre a cabeça para o pescador se proteger do sol, da chuva e do sereno’.

Oriundo do francês *bonnet* (CUNHA,1999, p. 118), e semantizado a partir do conceito **CHAPÉU**, a lexia *boné*, assim como sua variante *bibico*, serve como tripla proteção para o homem do mar, pois o protege contra o sol, a chuva e o sereno. *Bibico* não se encontra dicionarizada.

CAPA s.f.

Transc. Graf. **Capa** “*Pra protejé do sereno, chuva, sol tem henti que usa sapatu, capa, eu uso meu calsãw piqueno azul, os minino jovi usa bemuda [...]*” (C. G., 46 anos).

‘Traje comprido e resistente, geralmente usado como cobertor para o pescador se proteger da chuva’.

Lexia simples, *capa* se origina do latim *cappa*, de acordo com Houaiss (2004), pois não se encontrou registro para o vocábulo nos dicionários etimológicos pesquisados.

SAPATO s.m.

Transc. Graf. **Sapatu** “*Cada qual pesca como quisé, agora é bom você pescá calsadu, qué dizé, de sapatu, e vestido porque de pexi...[...].*” (L.A.S., 34 anos)

‘Calçado usado geralmente para proteger o pescador da mordida de peixes’.

O sentido de base da lexia *sapato* é de origem duvidosa. De uso raro entre os pescadores, o objeto *sapato* é um acessório que, conforme conversas informais e entrevistas dirigidas com os pescadores, antes da década de 90, não se podia fazer uso deste acessório durante a pescaria, pois era considerado de *mau presságio*, quem o fizesse estaria desrespeitando o mar e, como consequência, o peixe desaparecia. Eis um dos motivos pelo qual os pescadores, e a maioria na atualidade, ainda pescam descalços, por superstição. Um outro motivo se refere à falta de condições financeiras, para adquirir o objeto, que é também denominado como *calçado*. Com a introdução de pessoas mais jovens no labor da pesca, passaram-se a utilizar com mais frequência o *sapato*, que também pode ser *tênis*, mas sempre é denominado pela lexia *sapato* ou *sapato da pescaria*. Os que possuem esse acessório, geralmente, o recebem de algum visitante ou morador da terra que não convivem mais na comunidade.

Lexia simples. Vocábulo de origem duvidosa (CUNHA, 1999, p. 704).

Como se observa, na microestrutura onomasiológica de **TRAJE DE PESCADOR**, quanto à origem, a lexia pode ser latina, a exemplo de *capa* e *calção*; pode ser inglesa, como *bermuda*; ou francesa, como *boné* e *chapéu*; e uma de origem duvidosa, *sapato*. A maioria se encontra dicionarizada com o mesmo sentido de base, a exemplo de: *bermuda*, *boné*, *capa*, *calção*, *chapéu* e *sapato*. Apenas a forma variante *bibico* não se encontra dicionarizada.

Verifica-se por fim, que as denominações encontradas no campo onomasiológico de *Apetrechos* são compostas por lexias simples, compostas e complexas. A maioria das denominações encontra-se dicionarizada, um total de sessenta, enquanto outras, não. Mas, o sentido das que se encontram dicionarizadas nem sempre condiz com as que se encontram entre os informantes. Há presença de vocábulos inovadores e conservadores, e em desuso. Há um total de cinco termos considerados inovadores, e os em desuso, quinze, os demais conservam-se na comunidade em apreço.

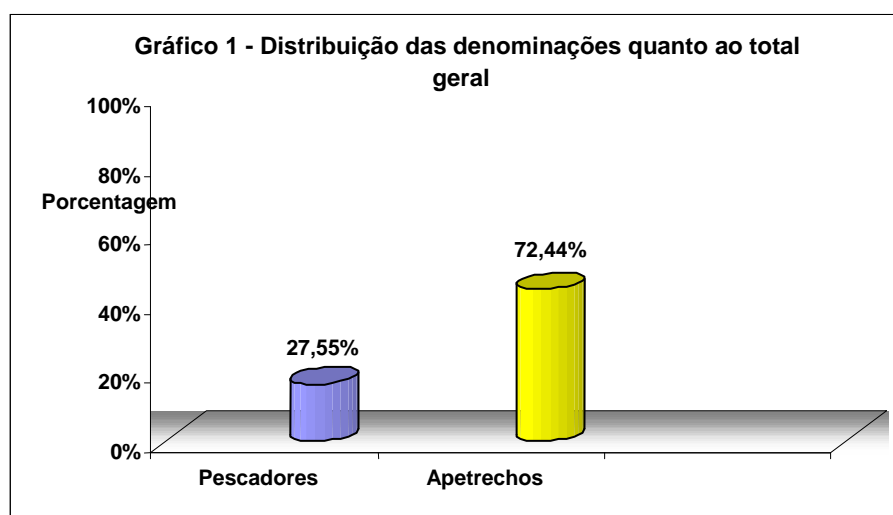
A título de ilustração, apresentam-se as tabelas e seus respectivos gráficos em que se resume a análise da pesquisa:

Tabela 1

Distribuição das denominações quanto ao total geral

Distribuição das denominações	Número de dados/Total	%
PESCADORES	35/127	27,55%
APETRECHOS	92/127	72,44 %
TOTAL	127	

Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.



Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.

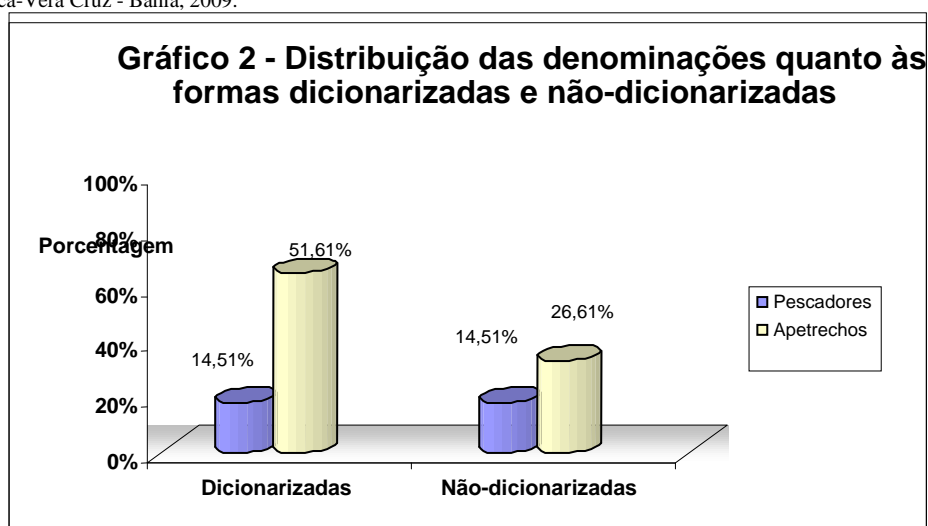
Observa-se que o número maior de denominações se encontra no campo onomasiológico de **APETRECHOS**, 72,44%. Apenas 27,55% das denominações fazem parte do campo onomasiológico de **PESCADOR**.

Tabela 2

Distribuição das denominações quanto às formas dicionarizadas e não dicionarizadas

Formas dicionarizadas e não dicionarizadas	PESCADORES	APETRECHOS	Número de dados/Total	%
DICIONARIZADAS	18 (14,51%)	64 (51,61%)	82/ 124	66,12%
NÃO DICIONARIZADAS	18 (14,51%)	33 (26,61%)	51/ 124	41,12%
TOTAL			124	

Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.



Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.

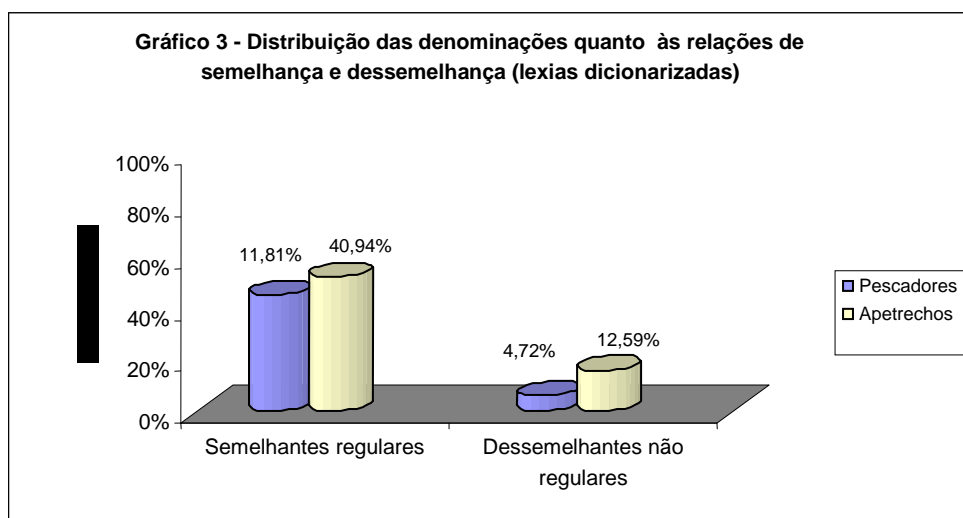
De acordo com o que apresenta o gráfico 2, o número maior de denominações que se encontram dicionarizadas faz parte do campo onomasiológico de **APETRECHOS**, 51,61%, assim como o das não dicionarizadas, 26,61%. O total geral das dicionarizadas equivale à 66,12%, e das não dicionarizadas, 41,12%.

Tabela 3

Distribuição das denominações quanto às relações de semelhança e dessemelhança (em se tratando das lexias dicionarizadas)

Relações de semelhança e dessemelhança	PESCADORES	APETRECHOS	Número de dados/Total	%
SEMELHANTES/ REGULARES	15 (11,81%)	52 (40,94%)	67/127	52,75 %
DESSEMELHANTES/ NÃO-REGULARES	06 (4,72%)	16 (12,59%)	22/ 127	17,32 %
TOTAL			127	

Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.



Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.

As denominações que apresentam relação de semelhança¹³ é de bem mais presença no campo onomasiológico de **APETRECHOS** 40,94%, assim como as dessemelhantes, com 12,59%.

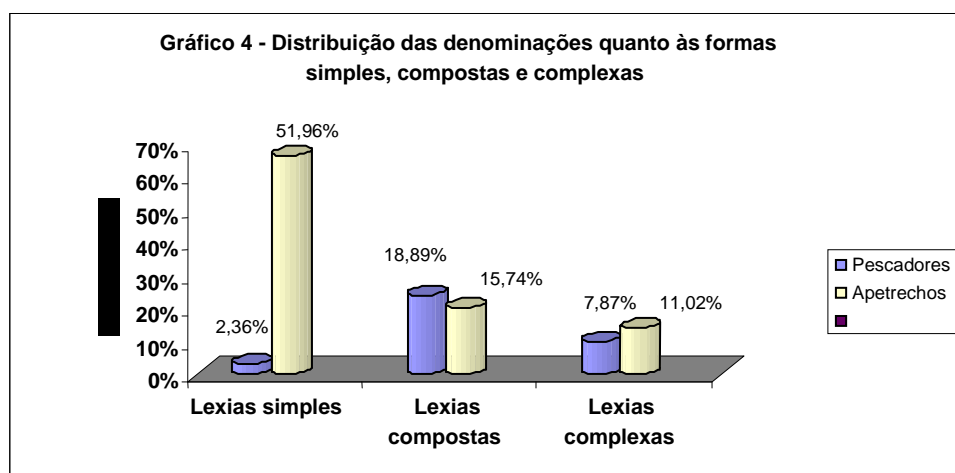
¹³ Compreende-se, neste trabalho, por semelhantes aquelas lexias que apresentam conformidade com o que prevê a estrutura, e dessemelhantes, àquelas que não o fazem. As primeiras são formas regulares, as segundas, estratificadas Cf. BASÍLIO, Margarida, 1995. Saussure (1975) define semelhança como equivalente ao valor do signo que pode ser comparado com o mesmo valor, enquanto que, para dessemelhança, compreende o valor do signo que pode ser trocado por outro.

Tabela 4

Distribuição das denominações quanto às formas simples, compostas e complexas

As denominações quanto às formas	PESCADORES	APETRECHOS	Número de dados/Total	%
LEXIAS SIMPLES	03 (2,36%)	66 (51,96%)	69/ 127	54,33 %
LEXIAS COMPOSTAS	24 (18,89%)	20(15,74%)	44/127	34,64 %
LEXIAS COMPLEXAS	10 (7,87%)	14(11,02%)	24/ 127	18,89%
TOTAL			127	

Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.



Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.

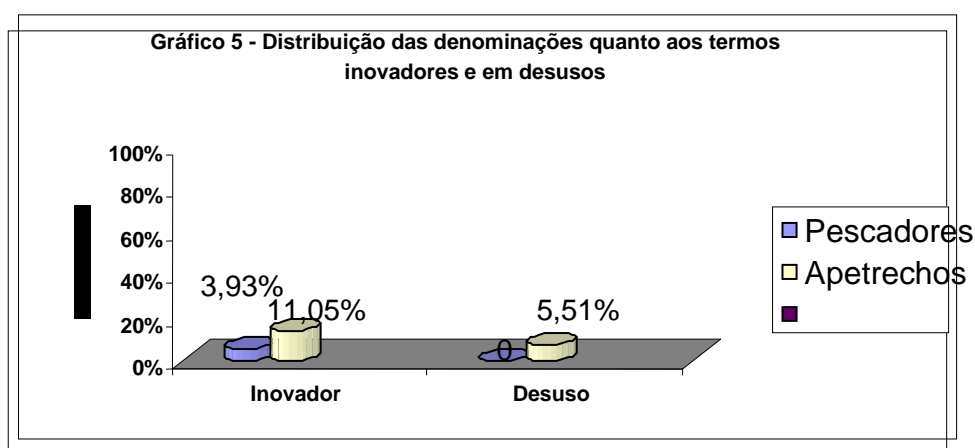
O maior índice é de lexias simples, principalmente no campo onomasiológico de *Apetrechos*, 51,96%. Quanto às compostas, a porcentagem é maior no campo onomasiológico de *Pescador*, 18,89%, com diferença de apenas 3,15% para o campo de *Apetrechos*. Em relação ao índice de lexias complexas, a diferença não é salutar entre os campos analisados: 11,02% para *Apetrechos*, e 7,87%, para *Pescadores*. Um problema que se pode levantar é procurar saber o motivo pelo qual os pescadores fazem uso maior de lexias simples para denominar coisas, objetos e pessoas.

Tabela 5

Distribuição das denominações quanto aos termos inovadores e desusos

As denominações quanto aos termos inovadores e desusos	PESCADORES	APETRECHOS	Número de dados/Total	%
INOVADOR	05 (3,93%)	14 (11,02%)	19/ 127	14,96 %
DESUSO	-	07 (5,51%)	07/ 127	5,51 %
TOTAL			127	

Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.



Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.

O gráfico aponta para um número maior de termo inovador se comparado ao desuso. O índice de mais bem visibilidade é encontrado no campo onomasiológico de **APETRECHOS**, com 11,05%.

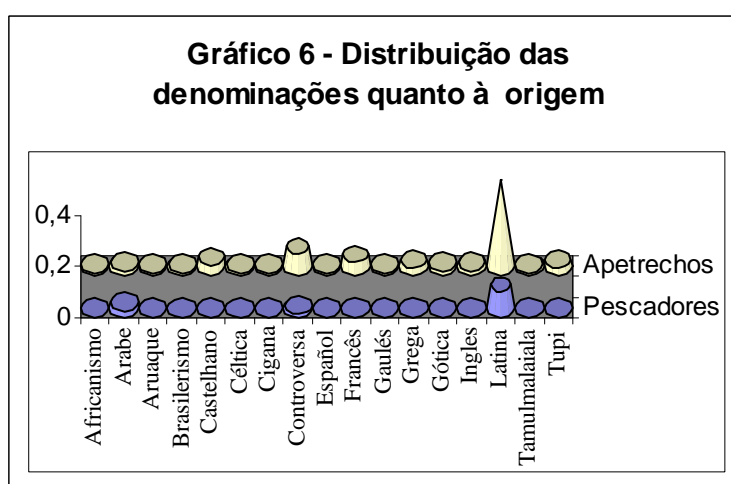
Tabela 6

Distribuição das denominações quanto à origem

Origem	PESCADORES	APETRECHOS	Nº de dados/Total	%
AFRICANISMO	-	01	01/83	1,204 %
ÁRABE	02	02	04/83	4,819 %
ARUAQUE	-	01	01/83	1,204 %
BRASILEIRISMO	-	01	01/83	1,204 %
CASTELHANO	-	04	04/83	4,819 %
CÉLTICA	-	01	01/83	1,204 %
CIGANA	-	01	01/83	1,204 %
CONTROVERSA	01	08	09/83	10,84 %

ESPAÑOL	-	01	01/83	1,204 %
FRANCES	-	05	05/83	6,024 %
GAULÉS	-	01	01/83	1,204 %
GREGA	-	03	03/83	3,614 %
GÓTICA	-	02	02/83	2,409 %
INGLES	-	02	02/83	2,409 %
LATINA	09	34	43/83	51,80 %
TAMULMALAIALA	-	01	01/83	1,204 %
TUPI	-	03	03/83	3,614 %
TOTAL	12	71	83	100 %

Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.



Fonte: MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz - Bahia, 2009.

Percebe-se que a maioria das denominações é de origem latina, tanto no campo onomasiológico de **APETRECHOS**, 40,96%¹⁴, como no de **PESCADOR**, 10,84%.

Espera-se, pois, ter realizado, com esta descrição sobre ‘As *denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca da comunidade de Baiacu - Vera Cruz - Bahia*’, um estudo onomasiológico, e organizado o vocabulário dos pescadores, distribuindo as denominações, conforme encontradas no contexto daquela comunidade.

A partir dos conceitos que as originaram, foi verificado se nas denominações referentes aos pescadores e aos apetrechos da pesca há formas que evoluíram semanticamente e outras que continuam inalteradas, se elas se encontram ou não dicionarizadas, além de se

¹⁴ Cabe ressaltar que o Gráfico 6 foi disposto em várias formas que o programa Excel oferecia, porém, ao se tentar tornar visível o número da porcentagem, ela comprometia a legenda. Daí, o motivo pelo qual não se ter disponibilizado os números referentes a cada origem das denominações. Caso se queiram consultar tais dados, é só o leitor copiar e colar o gráfico e visualizar a porcentagem em um computador, o que fez a autora dessa Dissertação.

terem demonstrado as relações que se estabelecem entre o conteúdo lingüístico e a realidade extralingüística, principais objetivos desta pesquisa.